

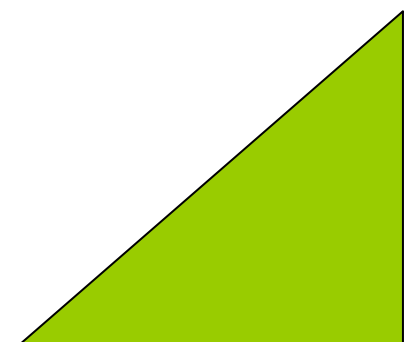


Multideficiência e Actividade Física.

Estudo do Desenvolvimento Global de um aluno, com Epilepsia Mioclónica Severa, Deficiência Intelectual e Atraso Global do Desenvolvimento.

Fernando Barros

Porto, 2009



Multideficiência e Actividade Física.

Estudo do Desenvolvimento Global de um aluno, com Epilepsia Mioclónica Severa, Deficiência Intelectual e Atraso Global do Desenvolvimento.

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Reeducação e Reabilitação, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Orientador: Prof. Doutor Rui Corredeira
Fernando Barros

Porto, 2009

Barros, F. (2009). *Multideficiência e Actividade Física: Estudo do Desenvolvimento Global de um aluno com Deficiência Intelectual, Epilepsia Mioclónica Severa e Atraso Global do Desenvolvimento*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ADAPTAÇÃO AO MEIO AQUÁTICO; COORDENAÇÃO MOTORA; DEFICIÊNCIA INTELECTUAL; EPILEPSIA.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não poderia ter sido concretizado sem o apoio de outras pessoas que directa ou indirectamente deram o seu contributo na realização do mesmo. Assim sendo não poderia deixar passar esta oportunidade de lhes demonstrar a minha gratidão.

Agradeço...

Ao Prof. Doutor Rui Corredeira, pela sua paciência, disponibilidade e compreensão demonstradas ao longo deste ano.

Aos profissionais e alunos da Unidade de Atendimento à Multideficiência, que me acolheram como família, tornando a parte prática deste trabalho agradável de se fazer.

Ao meu amigo Capu, que pelo facto de ter dado aulas no ano transacto na mesma UIE, partilhou comigo experiências, tendo demonstrado sempre total disponibilidade para ajudar naquilo que fosse necessário.

Ao meu companheiro de estágio, Bruno Lourenço, com quem partilhei vitórias e derrotas ao longo deste longo ano, pela sua franca amizade.

À minha namorada, com quem partilhei as coisas boas e más que decorreram ao longo deste trabalho e me prestou todo o auxílio na elaboração do mesmo.

Aos meus pais, por serem quem são.

A todos os colegas e amigos que não estão mencionados, mas que foram importantes no decurso deste ano.

Por fim, ao meu aluno por ser a alegria da turma.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	III
Índice Geral	V
Índice de Quadros	VII
Índice de Anexos	XIX
Resumo	XI
Abstract	XIII
Lista de Abreviaturas	XV
I. Introdução	1
II. Revisão da Literatura	7
2.1 – Adaptação ao Meio Aquático.....	9
2.2 – Coordenação Motora.....	17
2.3 – Deficiência Intelectual.....	24
2.4 – Epilepsia.....	42
III. Objectivos	49
3.1 – Objectivo Geral.....	51
3.2 – Objectivos Específicos.....	51
IV. Material e Métodos	53
4.1 – Caso em Estudo.....	55
4.2 – Caracterização do Local.....	58
4.3 – Procedimentos Metodológicos.....	62
4.4 – Instrumentos e Procedimentos de Aplicação.....	64
V. Apresentação e Discussão dos Resultados	67
5.1 – Domínio Motor.....	69
5.2 – Domínio Cognitivo.....	72
5.3 – Domínio Sócio-Afectivo.....	73
VI. Conclusões e Considerações Finais	75
VII. Referências Bibliográficas	79
Anexos	

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Principais características influenciadoras do comportamento humano, que caracterizam os meios aquático e terrestre (Carvalho, 1994).....	10
Quadro 2 – Factores do domínio perceptivo-motor e sua descrição segundo Fleishmann (1954, cit. Gomes, 1996).....	20
Quadro 3 – Níveis diferenciados de Deficiência Intelectual de acordo com os valores de QI (adaptado de DSM-IV, 1994).....	34
Quadro 4 – Apresentação dos resultados finais no que concerne à Adaptação ao Meio Aquático.....	70
Quadro 5 – Apresentação dos resultados finais no que concerne à Coordenação Motora.....	71

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A – Documento de Avaliação da Adaptação ao Meio Aquático..... A1

Anexo B – Planos de Aula e Relatórios..... B1

RESUMO

O presente estudo teve como principal objectivo observar e promover o desenvolvimento global de um indivíduo com Multideficiência, tendo por base a aplicação de um programa de actividade física individualizado. Foi realçada a aquisição de competências no domínio motor, nomeadamente o desenvolvimento da Adaptação ao Meio Aquático e Coordenação Dinâmica Geral.

O programa foi constituído por 21 sessões – duas sessões semanais, uma em ginásio de uma hora e meia e outra em piscina, de quarenta e cinco minutos – tendo decorrido entre os meses de Dezembro de 2008 e Junho de 2009.

O indivíduo em estudo foi uma criança do sexo masculino, com 10 anos de idade, que revelava um quadro de Multideficiência, apresentando as seguintes patologias: Epilepsia Mioclónica Severa, Deficiência Mental e Atraso Global do Desenvolvimento.

Como Instrumento de Avaliação optamos pela técnica de Observação Directa e Sistemática através de Registo de Acontecimentos, complementada com a técnica de Incidentes Críticos. Posteriormente os dados recolhidos foram alvo de uma reflexão crítica de natureza qualitativa com o intuito de aferir a evolução do aluno nos domínios motor, cognitivo e sócio-afectivo.

No domínio motor registaram-se evoluções ao nível da coordenação motora e nomeadamente ao nível da marcha, saltos e corrida. Na Adaptação ao Meio Aquático o aluno evoluiu desde um estado inicial de recusa ao estado final de imersão da face, mantendo os olhos abertos, deslocando-se livremente e de forma autónoma, (em equilíbrio vertical) pela piscina. No domínio cognitivo verificou-se um pequeno aumento de concentração nas tarefas e ainda, no que diz respeito ao domínio sócio-afectivo, um aumento de interacções positivas para com os seus pares e adultos.

Globalmente consideramos que os resultados obtidos apontam para a eficácia do Programa de Actividade Física desenvolvido, sugerindo a necessidade de continuidade do mesmo, de modo a que o sujeito do nosso

estudo possa consolidar e aprofundar as competências adquiridas ao longo deste programa.

PALAVRAS-CHAVE: ADAPTAÇÃO AO MEIO AQUÁTICO, COORDENAÇÃO MOTORA, DEFICIÊNCIA INTELECTUAL, EPILEPSIA.

ABSTRACT

Present study's main goal was to analyse the global development of an individual with Multideficiency, resulting from the application of an individualized Physical activity program. Motor competences acquisition emphasized, namely the development of Water Adaptation and General Dynamic Coordination.

The Program was established on 21 sessions – two weekly sessions, one at gymnasium, of an hour and a half, and the other in swimming pool, of forty-five minutes – developed between December, 2008 and June, 2009.

The individual in study was a male child of 10 years old, who revealed a case of Multideficiency, presenting the following pathologies: Severe Myoclonic Epilepsy, Mental Deficiency and Global Developmental Delay.

As Evaluation Instrument we chose the Systematic and Direct Observation technique through Register of Events, complemented with the Critical Incidents technique. Later, the collected data were object of a critical reflection of qualitative nature with the intention of checking individual's evolution in motor, cognitive and social areas.

In the motor domain there were developments at the level of motor coordination and in particular the level of marching, jumping and running. In Water Adaptation the student evolved, from the initial state of refusal to the final state of face immersion and keeping eyes open, as well as moving freely and independently (in vertical balance) inside the pool. In the cognitive domain, there was a small increase of concentration on tasks and also in the socio-emotional, an increase in positive interactions with their peers and adults.

Generally, we consider that the obtained results point to the efficiency of the Physical Activity Program, suggesting the necessity of his continuity, so that the subject of our study can consolidate and deepen the skills acquired throughout this program.

KEY WORDS: WATER ADAPTATION, MOTOR COORDINATION, INTELECTUAL DISABILITY, EPILEPSY.

LISTA DE ABREVIATURAS

AAMR – *American Association on Mental Retardation.*

AMA – Adaptação ao Meio Aquático.

CM – Coordenação Motora.

DSM-IV – *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – Fourth Edition.*

KTK – Bateria de testes de coordenação corporal para crianças da autoria de Kiphard e Schilling (1979) – *Körperkoordinationstest für Kinder.*

MI – Membro Inferior / Membros Inferiores.

MS – Membro Superior / Membros Superiores.

NEE – Necessidades Educativas Especiais.

QI – Quociente de Inteligência.

UAEEAM – Unidades de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência.

UIE – Unidade de Intervenção Especializada.

CAPÍTULO I – Introdução

I. INTRODUÇÃO

“Cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem.

“As crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através de uma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades.”

(“Declaração de Salamanca”, 1994).

As escolas regulares, seguindo uma orientação inclusiva, constituem-se como locais mais propícios para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando a educação para todos.

Muitas crianças apresentam dificuldades escolares e, conseqüentemente, têm necessidades educativas especiais, em determinado momento da sua escolaridade.

O desafio com que se confronta esta escola inclusiva é o de ser capaz de desenvolver uma pedagogia centrada nas crianças, susceptível de as educar a todas com sucesso, incluindo as que apresentam graves incapacidades.

É imperativo que haja uma mudança na perspectiva social, pois, as pessoas com deficiência têm sido marcadas desde há muito tempo por uma sociedade incapacitante que acentua mais os seus limites do que as suas potencialidades.

As escolas que se preocupam com os alunos são, assim, a base de construção de uma sociedade orientada para as pessoas, respeitando quer as diferenças, quer a dignidade de todos os seres humanos.

A educação de alunos com Necessidades Educativas Especiais incorpora os princípios já comprovados de uma pedagogia saudável, da qual todas as crianças podem beneficiar, assumindo que as diferenças humanas são normais e que a aprendizagem deve ser adaptada às necessidades do aluno, em vez de ser este a ter de se adaptar a concepções predeterminadas, relativamente ao ritmo e à natureza do processo educativo.

Reforçando esta ideia os currículos devem então adaptar-se às necessidades do aluno e não o contrário. As escolas deverão portanto, fornecer oportunidades curriculares que correspondam aos alunos com capacidades e interesses distintos.

Porém encontram-se ainda vários obstáculos à inclusão destes alunos, nomeadamente de ordem política, económica, social, cultural, médica, educativa, etc.

No caso de um aluno com Multideficiência o principal obstáculo reporta-se à complexidade da sua condição.

Os indivíduos com Multideficiência apresentam limitações acentuadas no domínio cognitivo, os quais requerem apoio permanente e que têm associadas limitações no domínio motor, ou no domínio sensorial (visão ou audição). Podem ainda apresentar necessidade de cuidados de saúde especiais. (Orelove e Sobsey, 2000).

As manifestações das múltiplas deficiências e a sua interacção em conjunto com o meio influenciam o desenvolvimento do indivíduo com Multideficiência, bem como a forma como aprende e se comporta em diferentes ambientes. Tal facto remete-nos para a necessidade de um ensino especializado de acordo com as suas necessidades de aprendizagem únicas. (Chen e Dote-Kwan, 1995 cit. Nunes, 2001).

As crianças com Necessidades Especiais devem receber apoio pedagógico suplementar no contexto do currículo regular e não um *curriculum* diferente. Assim e de acordo com a declaração de Salamanca (1994) o princípio orientador será o de fornecer a todas a mesma educação, proporcionando assistência e os apoios suplementares aos que deles necessitem.

De forma a que se possa atingir o objectivo de uma educação de sucesso no caso de um aluno com Multideficiência e perseguindo o princípio da inclusão surgem as unidades de apoio especializado para a educação de alunos com Multideficiência, (UAEEAM) local onde se encontra o nosso caso de estudo. Integrada numa sala de aula de uma escola regular esta Unidade de Apoio especial integra o nosso caso de estudo a qual permanece nesta durante a

maior parte do seu horário diário, sendo contudo regulares as visitas à sala de aula dos seus pares sem Multideficiência, assim como o convívio conjunto em tempo de recreio.

Neste caso concreto, o nosso trabalho consistiu num estudo de caso realizado numa UAEEAM de uma Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico do Centro da Área Educativa do Porto, ao abrigo do protocolo efectuado entre a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e a Junta de Freguesia de Ramalde.

Teve como principal objectivo o desenvolvimento global de um indivíduo com Multideficiência através da aplicação de um programa de Actividade Física, visando em simultâneo o aprofundamento do nosso conhecimento nesta área.

Numa primeira fase, correspondente aos meses de Setembro e Outubro procedemos às tarefas de familiarização e recolha de informações respeitantes ao aluno, espaços escolares que este frequenta e locais onde se desenvolveria o nosso estudo.

A fase seguinte correspondeu à aplicação do Programa de Actividade Física entretanto por nós idealizado. Este decorreu entre Dezembro e Junho, sendo constituído por 21 sessões, estruturadas por duas sessões semanais, uma em ginásio com duração de uma hora e meia e outra em piscina, de quarenta e cinco minutos.

Por último, procedemos ao tratamento dos dados recolhidos ao longo das sessões, realizando uma reflexão crítica de natureza qualitativa com o intuito de aferir a evolução do aluno nos domínios motor, cognitivo e sócio-afectivo e, deste modo tentar aferir o sucesso do nosso Programa.

Sendo escassos os estudos relativos ao tema da Multideficiência e sua ligação com a Actividade Física, procurámos que este trabalho constituísse um contributo no sentido de colmatar essa lacuna, procurando cumprir igualmente a Missão da Universidade do Porto, “uma instituição de educação, investigação e desenvolvimento, comprometida com a formação integral das pessoas, com o

respeito pelos seus direitos e a participação activa no progresso das suas comunidades” (Universidade do Porto, s.d.).

Este trabalho foi estruturado em sete capítulos, articulados entre si, e desenvolvidos da seguinte forma:

- Capítulo I, Introdução – Onde é realçada a pertinência do nosso estudo, com a apresentação do seu enquadramento teórico e estruturação.
- Capítulo II, Revisão da Literatura – Onde se abordam quatro temas cruciais para a realização e compreensão deste trabalho – Adaptação ao Meio Aquático, Coordenação Motora, Deficiência Mental e Epilepsia.
- Capítulo III, Objectivos – Onde são apresentados os objectivos do trabalho, sendo os mesmos subdivididos em objectivos gerais e específicos.
- Capítulo IV, Materiais e Métodos – Onde se procedem à caracterização do aluno e dos locais onde decorreu a nossa intervenção. São também descritos os procedimentos metodológicos e de aplicação utilizados.
- Capítulo V, Apresentação e Discussão dos Resultados – Onde constam a apresentação dos principais resultados do nosso estudo e a sua discussão.
- Capítulo VI, Conclusões e Considerações Finais – Onde de forma sucinta, se expõem as principais conclusões do trabalho, complementadas por um conjunto de considerações finais.
- Capítulo VII, Referências Bibliográficas – Onde são apresentadas as referências bibliográficas da literatura consultada para a realização deste trabalho.

Por último, no capítulo dos anexos, são apresentados um conjunto de documentos que pretendem complementar a compreensão deste estudo.

CAPÍTULO II – Revisão da Literatura

II. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 ADAPTAÇÃO AO MEIO AQUÁTICO

Saber nadar “é permanecer na água, sendo capaz de através de movimento fazer ou cumprir determinada distância” (Carvalho, 1994).

Saber nadar não é mais que dar a possibilidade a um indivíduo de poder para “cada situação inédita, imprevisível, resolver o triplo problema de uma inter-relação das três componentes fundamentais: equilíbrio, respiração e propulsão”, (Raposos, 1981).

O conceito de adaptação ao meio aquático, usualmente, identifica-se com a 1ª fase da formação do nadador enquanto outros autores denominam esta fase de “aprendizagem”. Esta é a fase de aquisição das habilidades, cujo desenvolvimento possibilitará em fases posteriores alcançar diferentes níveis de prestação, (Carvalho, 1994).

DIFERENÇAS ENTRE MEIO TERRESTRE E MEIO AQUÁTICO

Quando um indivíduo entra num meio líquido, fica sujeito a um conjunto de estímulos que não existem da mesma forma fora do mesmo. Assim, quando um aluno (seja de que idade for) resolve iniciar a sua actividade física na água, vê nisso implicado um conjunto de alterações que passam por:

- alterações do equilíbrio;
- alterações da visão;
- alterações da audição;
- alterações da respiração;
- alterações das informações recebidas do meio – proprioceptivas;
- alterações do sistema termo – regulador do organismo.

Segundo Carvalho (1994), quando um indivíduo inicia o seu processo de adaptação ao meio aquático, ocorrem um conjunto de transformações ao nível das referências dos órgãos dos sentidos (equilíbrio, visão, audição e

proprioceptivos) e também ao nível de todas as referências que normalmente existem em terra (fora de água).

Deste modo, o indivíduo ao longo do tempo da experiência desenvolvida na água, vai ajustando as suas referências, alterando o seu quadro motor em relação ao meio onde agora desenvolve as suas aprendizagens, na água, de forma a melhorar a sua resposta aos estímulos existentes. Assim, temos que:

Quadro 1 – Principais características influenciadoras do comportamento humano, que caracterizam os meios aquático e terrestre (Carvalho, 1994).

DESLOCAMENTOS	
<u>Em Terra:</u> <ul style="list-style-type: none"> • o equilíbrio é vertical; • os apoios são fixos; • os braços equilibram; • as pernas deslocam. 	<u>Na Água:</u> <ul style="list-style-type: none"> • o equilíbrio é horizontal; • os apoios não são fixos; • os braços deslocam; • as pernas deslocam.
RESPIRAÇÃO	
<u>Em Terra:</u> <ul style="list-style-type: none"> • automatismo nato; • não condicionado; • voluntária. 	<u>Na Água:</u> <ul style="list-style-type: none"> • condicionada pelos movimentos e pela água.
VISÃO	
<u>Em Terra:</u> <ul style="list-style-type: none"> • normal; • o ar não é agressor para os olhos. 	<u>Na Água:</u> <ul style="list-style-type: none"> • limitada pelo fenómeno de refração; • a água pode conter agentes agressores.

AUDIÇÃO	
<u>Em Terra:</u> • normal.	<u>Na Água:</u> • limitada pela água nos ouvidos e pelas condições acústicas das instalações.
TERMO-REGULAÇÃO	
<u>Em Terra:</u> • contacto com a atmosfera (frio – calor).	<u>Na Água:</u> • contacto com a água (frio) • grande apelo do sistema termo–regulador.
INFORMAÇÕES PROPIOCEPTIVAS / NOÇÃO DO ESQUEMA CORPORAL	
<u>Em Terra:</u> • informações vindas da planta do pé; • informações vindas do ouvido interno; • informações vindas dos músculos; • interpretação tanto mais difícil quanto o é o movimento.	<u>Na Água:</u> • informações da planta do pé desaparecem; • informações do ouvido interno são alteradas; • informações vindas dos músculos; • maior dificuldade de interpretação do movimento.

Todas estas alterações que o indivíduo sofre, são a consequência das propriedades físicas e químicas características da água e as respectivas leis que regem esse meio, com os corpos que nela estão em contacto.

Deste modo temos que:

- O equilíbrio, que de vertical passa a horizontal. A sua resolução é expressa pela capacidade de deslizar ventral e dorsalmente.
- A respiração do nadador é específica. Ela difere, nas suas características, da respiração do homem em terra. Coloca-se, por conseguinte,

o problema da sua transformação, da passagem de uma forma para outra. É necessário especificar que em condições habituais a inspiração é activa e a expiração passiva. Em repouso, ou se o trabalho é moderado, a necessidade é reduzida e se acomoda ao circuito nasal. Assim, deve adquirir um novo automatismo que possibilite respirar ritmicamente, fazendo a expiração no meio aquático.

– A propulsão, cuja resolução se expressa pela capacidade de deslocação no meio aquático com ausência de apoios fixos.

IMPORTÂNCIA DE UMA BOA ADAPTAÇÃO AO MEIO AQUÁTICO

Entende-se por adaptação ao meio aquático, “o processo que envolve a iniciação à natação, recorrendo ao domínio do corpo na água, com base nos objectivos de cinco domínios: equilíbrio, respiração, imersão, propulsão e salto” (Campaniço, 1989).

A natação favorece a tomada de consciência do aluno em relação a si, ao meio, ao grupo e à sociedade, contribuindo no seu desenvolvimento e favorecendo o desenvolvimento de todas as suas aptidões.

A natação dá-nos a possibilidade de, utilizando a água, desencadarmos na criança uma nova vivência que irá provocar novas capacidades de adaptação. O meio aquático cria novas sensações, modifica o equilíbrio abrindo um largo campo de experiências á capacidade motora sob o efeito de uma certa ausência de gravidade.

O equilíbrio, a respiração e a propulsão são as componentes básicas inerentes ao acto de nadar e cujo domínio é necessário para garantir um comportamento ajustado na água.

EQUILÍBRIO

A sua transformação passa por uma consciencialização dos mecanismos que o orientam e pela percepção voluntária de inúmeras informações motoras que, no seu conjunto, permitem a aquisição de um “novo esquema corporal” devidamente enquadrado com o meio aquático.

Sem ele os técnicos são postos em causa quando entramos na sua fase de aquisição e, mais ainda, quando se passa à fase de eficácia motora ou performance desportiva propriamente dita.

RESPIRAÇÃO

Esta coloca-se e influi quando, por razões mecânicas e de ordem técnica, é necessário efectuar uma expiração completa na imersão e diminuir ao máximo o tempo de inspiração. Por isso, é necessária uma consciencialização expiratória – inspiratória com os respectivos requisitos técnicos.

PROPULSÃO

Existe uma correlação directa e proporcional entre a qualidade respiratória e equilíbrio óptimo, que influi significativamente na aquisição dos gestos técnicos e na eficácia motora. Da sua correlação depende a quantidade e qualidade do repertório motor do jovem praticante e a base das performances desportivas em Natação.

Falta acrescentar que não são só estes três fundamentos o suporte do conteúdo de ensino. É natural associar nesta fase, a noção de profundidade, através de técnicas de deslocação em imersão e ainda, a vivência de diferentes situações de salto, para uma correcta noção da entrada na água.

COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR

Para se alcançar uma boa técnica de nado, partidas e viragens, é primordial que haja anteriormente o ensino de destrezas básicas no desenvolvimento motor da criança. O aluno, ao longo da sua aprendizagem, deve ser submetido a uma variedade de exercícios, de forma a adquirir determinadas competências de extrema importância para um bom desempenho posterior como nadador. O desenvolvimento dessas competências necessita de uma estimulação de variados domínios, tais como:

- visão;
- tacto;
- audição;
- equilíbrio;
- propulsão;
- respiração;
- flutuação;
- rotação;
- cambalhotas;
- imersão;
- mergulho;
- salto.

Todas estas competências ajudarão o aluno a desenvolver melhor a noção de corpo, a coordenação global, a estruturação espaço-temporal e a noção de ritmo, ou seja, ajudará o aluno a melhor compreender o efeito da água sobre o seu corpo no meio aquático.

Os processos de adaptação ao meio aquático são longos (dependendo sempre das vivências de cada aluno), complexos e determinantes para a aquisição dos gestos técnicos.

A adaptação ao meio aquático inicia-se logo que o aluno avista a piscina. A primeira fase de adaptação é uma fase de descoberta, ou seja, uma aproximação ao novo meio. O aluno só entrará na piscina quando se sentir seguro, para isso tem que estudar o novo meio que lhe é proposto. Logo que o aluno entra na água, encara um novo problema que terá de superar – o equilíbrio. Como já foi referido, o meio aquático tem características diferentes do meio terrestre, provocando desequilíbrios. Devemos, a princípio, evitar perturbar o menos possível os hábitos de equilíbrio do aluno, para que este não se assuste. Quando sentirmos que o aluno já tem alguma segurança ao nível do equilíbrio, devemos solicitar progressivamente os deslocamentos, utilizando o equilíbrio vertical, para que consiga adquirir a noção da resistência que o meio impõe.

Após ter adquirido o equilíbrio vertical, o aluno torna-se mais independente e confiante, podendo passar para uma outra fase que é a imersão. Neste domínio, associa-se a noção de profundidade. A imersão inicial do aluno será sempre de olhos fechados e em apneia. Gradualmente será solicitada a abertura dos olhos e da boca, garantindo o controlo da glote. Quando o aluno for capaz de imergir a cara na água de olhos abertos e boca

aberta, solicitar-se-á para que sobre, que expire pelo nariz e, finalmente, por ambos.

É conveniente insistir na expiração forçada pela boca e pelo nariz, que deve ser contínua, longa e tão completa quanto possível. A imersão tem que ser adquirida a vários níveis de profundidade.

Chegamos a um ponto em que o aluno cede ao meio aquático, isto é, apercebe-se que a impulsão é positiva após uma inspiração forçada. Compreende que é capaz de passar de uma posição vertical para uma posição horizontal e vice-versa.

Após a aquisição do equilíbrio horizontal, agora que o aluno consegue realizar a expiração na água, esta etapa fica facilitada. Para que o aluno se sinta seguro, nesta sua nova posição dentro de água, deve ser ajudado pelo Professor, passando depois para apoios fixos (parede, separadores), apoios móveis (placa, palitos, *pull-buoy*, outros). Na realização destes exercícios devemos sempre insistir para que o aluno trabalhe a imersão da cara e faça a expiração.

A propulsão é o domínio que se segue. A princípio a noção de propulsão é adquirida junto da parede, para que o aluno interiorize o movimento correcto a realizar. Inicialmente, os batimentos das pernas com apoios e depois sem, são a forma de propulsão.

É pertinente que o aluno realize correctamente o batimento, para que haja uma boa aquisição da técnica necessária para as diferentes técnicas de nado.

O aluno deverá ser capaz de se deslocar em todas as direcções e sentidos, na posição ventral e dorsal. Podemos, também, solicitar ao aluno técnicas de propulsão rudimentares, como nadar à cão, à gato, à marés vivas, tartaruga, golfinhos e outros. São uma forma aliciante dos alunos adquirirem uma série de aptidões aquáticas. Estes exercícios são uma forma de dominar a respiração e também o equilíbrio. Com uma grande variedade de propulsões, o aluno irá compreender qual a melhor atitude hidrodinâmica.

Chegámos a um ponto em que estão adquiridos os domínios de equilíbrio, imersão e propulsão, passando agora para o domínio da respiração.

A respiração no meio aquático passa, do seu carácter automático, a ter um carácter voluntário. Como a expiração é feita na água, tem que se ultrapassar a pressão exercida por ela. Havendo um controlo dos reflexos de defesa, através da eliminação do bloqueio respiratório na imersão e perante movimentos propulsivos, a respiração passa a estar condicionada, não é possível respirar a qualquer momento.

O aluno tem que adquirir a noção de expiração – inspiração, pois para a aquisição dos gestos técnicos é extremamente importante. É um processo muito longo, até que se chegue a um automatismo correspondente às exigências das técnicas de nado.

Entramos, finalmente, no último dos domínios, o salto. O salto é importante para uma boa entrada na água e como meio de autoconfiança. O salto deve ser explorado através de variadas situações, para o desenvolvimento de uma percepção da posição relativa ao resto do corpo e as suas implicações no equilíbrio.

Através do salto, adquire-se a noção de que não é necessário movimentos bruscos para facilitar a flutuação, desenvolve a capacidade de imergir completamente após um salto e apanhar objectos em pequenas e grandes profundidades.

Como podemos constatar, todos os domínios estão interligados a cada aquisição e cada um depende do outro. Estas competências são extremamente importantes para um bom desempenho das técnicas de nado.

No que se refere à adaptação ao meio aquático existe como preocupação a aquisição dos seguintes objectivos:

Crianças

1. Caminhar dentro de água de frente e de costas;
2. Mergulhar a cara na água e expirar;
3. Abrir os olhos com o corpo em completa submersão;
4. Saltos para a água de pé;
5. Equilíbrio e flutuação dorsal e ventral;

6. Deslize dorsal/ventral com placa;
7. Deslize dorsal/ventral sem placa;
8. Deslize dorsal/ventral sem placa com batimentos de pernas.

Adultos

1. Caminhar, correr dentro de água de frente e de costas;
2. Mergulhar a cara na água e abrir os olhos;
3. Controlar a respiração boca, nariz na imersão;
4. Controlar e coordenar a expiração/inspiração com e sem apoios;
5. Controlar e coordenar a expiração/inspiração em situações propulsivas simples;
6. Equilíbrio e aquisição do controlo das posições vertical/horizontal e horizontal/vertical – flutuação nas posições dorsal e ventral;
7. Propulsão – deslize dorsal/ventral com e sem placas – deslize dorsal/ventral com propulsão autónoma.

2.2 COORDENAÇÃO MOTORA

Segundo Kiphard e Schilling (4) coordenação é a interacção harmoniosa e económica do sistema músculo-esquelético, do sistema nervoso e do sistema sensorial com o fim de produzir acções motoras precisas e equilibradas, e reacções rápidas adaptadas a situações que exigem:

- 1) uma adequada medida de força que determina a amplitude e velocidade do movimento;
- 2) uma adequada selecção dos músculos que influenciam a condução e orientação do movimento;
- 3) a capacidade de alternar rapidamente entre tensão e relaxação musculares.

O conceito de coordenação motora é abordado em diferentes âmbitos, contextos e áreas científicas (controlo motor, aprendizagem motora, desenvolvimento motor, biomecânica, fisiologia, etc.). De facto, a coordenação motora pode ser analisada segundo três pontos de vista: (1) biomecânico, dizendo respeito à ordenação dos impulsos de força numa acção motora e a ordenação de acontecimentos em relação a dois ou mais eixos perpendiculares; (2) fisiológico, relacionando as leis que regulam os processos de contracção muscular; (3) pedagógico, relativo à ligação ordenada das fases de um movimento ou acções parciais e a aprendizagem de novas habilidades.

Os estudos de Kiphard e Schilling (1974) tiveram sobretudo preocupações pedagógicas e clínicas. Deles resultou uma bateria de testes para avaliar a CM de crianças dos 5 aos 14 anos de idade, designada por bateria de testes de coordenação corporal para crianças – *Körperkoordinationstest für Kinder (KTK)* (Lopes et al., 2003). Esta bateria é comumente usada para avaliar a CM grosseira e identificar crianças com insuficiência coordenativa.

As capacidades coordenativas, sendo determinadas pelos processos de condução e regulação motora, constituem uma classe das capacidades motoras que, juntamente com as capacidades condicionais e as habilidades motoras, determinam a capacidade de rendimento corporal (Hirtz, 1986). Processam-se pela acção simultânea do Sistema Nervoso Central e dos músculos esqueléticos, com o objectivo de executar um movimento voluntário, de forma a produzir um encadeamento harmonioso entre as diferentes componentes desse movimento (Hahn, 1987 cit. por Vasconcelos, 1991).

No mesmo sentido, Martins (2005) refere que as “capacidades coordenativas são fundamentais no grau de utilização das potências funcionais condicionais e energéticas, constituindo um veículo para uma actividade motora mais económica”.

Segundo Newell (1985, cit. Lopes e Maia, 2002) a CM deve ser analisada no contexto específico das acções motoras por oposição ao dos movimentos. Estes são entendidos como operações parciais que apenas ganham sentido no

âmbito global da acção motora. Assim, o movimento pode ser considerado necessário mas não é condição suficiente para a realização de uma acção.

Para Meinel e Schnabel (1984, cit. Lopes e Maia, 2002), diferentes processos motores, sensoriais verbais e de pensamento decorrem, de forma interactiva, na realização de uma acção motora, sendo parcialmente visíveis pelas características externas do movimento. Martins (2005) atenta que esta ideia é consonante com os estudos desenvolvidos por Bernstein (1967). Ainda segundo a autora, “a CM é entendida como a harmonização de todos estes processos parciais do acto motor, tendo em vista o objectivo a alcançar pela realização da acção motora”.

Em 1976, Meinel e Schnabel (cit. Gomes, 1996) apresentaram um modelo simplificado dos processos de regulação motora, definindo, na resolução de tarefas complexas de CM, diferentes funções realizadas, tais como:

- Execução do movimento pelo aparelho motor;
- Recolha de informação aferente e eferente;
- Programação do decurso do movimento e antecipação dos resultados intermédios e finais;
- Comparação das informações de entrada com o objectivo previsto e o programa de acção;
- Direcção e regulação das acções motoras – distribuição dos impulsos de direcção e correcção eferentes na musculatura.

Para Gomes (1996), este modelo evidencia o facto de a memória motora desempenhar um duplo papel: as experiências motoras anteriores e seus resultados são questionados e utilizados, ao mesmo tempo que são inscritos novos programas e respectivos resultados.

A dificuldade patente na definição do conceito de CM advém da sua estrutura multidimensional.

Hirtz (1986) define as componentes da CM como pressupostos do rendimento para determinados tipos de actividade prática, nomeadamente para uma classe de acções motoras específicas caracterizadas pelas elevadas exigências na condução e regulação da actividade motora.

COMPONENTES DA COORDENAÇÃO MOTORA

Fleishmann (1954, cit. Gomes, 1996) foi autor de um dos primeiros estudos aprofundados nesta área. Tendo assumido a responsabilidade de um programa de selecção de pilotos de aviação nos Estados Unidos da América, sujeitou quatrocentos indivíduos a quarenta testes, alegadamente relacionados com o domínio perceptivo-motor. No final do seu estudo, concluiu ter identificado onze factores passíveis de serem representados por testes precisos, os quais apresentamos no quadro seguinte (Quadro 2):

Quadro 2 – Factores do domínio perceptivo-motor e sua descrição segundo Fleishmann (1954, cit. Gomes 1996).

FACTOR	DESCRIÇÃO
1. Sensibilidade cinestésica.	• Comum às tarefas que requerem ajustamentos musculares finos e altamente controlados. Aplica-se igualmente aos movimentos dos membros superiores e inferiores.
2. Coordenação multimembros.	• Capacidade de coordenar diferentes membros em simultâneo.
3. Orientação espacial.	• Comum às tarefas psicomotoras de reacção visual.
4. Tempo de reacção.	• Velocidade segundo a qual um indivíduo responde a um determinado estímulo.

5. Velocidade de movimento de braços.	<ul style="list-style-type: none"> • Velocidade segundo a qual um indivíduo pode realizar um movimento de braços de grande amplitude, sem exigência de grande precisão.
6. Controlo da velocidade.	<ul style="list-style-type: none"> • Comum às tarefas que implicam antecipação a mudanças de velocidade e ou de direcção.
7. Dexteridade manual.	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptação da direcção do membro superior na manipulação de objectos de grandes dimensões.
8. Dexteridade dos dedos	<ul style="list-style-type: none"> • Manipulação de pequenos objectos.
9. Estabilidade braço-mão.	<ul style="list-style-type: none"> • Precisão na realização de movimentos de conjunto braço-mão, sem que a velocidade nem a força sejam muito solicitadas.
10. Velocidade punho-dedos.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Tapping</i>.
11. Acuidade visual.	<ul style="list-style-type: none"> • Coordenação óculo-pedal.

Por sua vez, Schnabel (1974 cit. Vasconcelos, 1991) defende que as capacidades coordenativas básicas se dividem em três grupos:

1. Capacidades de Controlo Motor – engloba a capacidade de diferenciação cinestésica, capacidade de orientação espacial e capacidade de equilíbrio;
2. Capacidade de Aptidão Motora – assente nos mecanismos de apreensão, tratamento e armazenamento das informações ou, dito de uma outra forma, mecanismos perceptivos, cognitivos e mnemónicos;
3. Capacidade de Adaptação e Readaptação Motoras – constitui o elo de ligação entre os dois grupos descritos anteriormente (capacidades de

controlo e aptidão motora) que assim, determinam a eficácia desta capacidade básica.

Segundo Martins (2005), actualmente a classificação mais consensual é a de Hirtz (1986). Partindo da proposta de Schnabel (1974), desenvolveu uma classificação em que destaca cinco capacidades coordenativas básicas:

- Capacidade de Diferenciação Cinestésica – capacidade de controlar as informações provenientes da musculatura, retendo somente as relevantes e doseando a força a empregar. Potencia assim a realização de acções motoras correctas e económicas, com base numa recepção e assimilação diferenciada de informações cinestésicas;
- Capacidade de Equilíbrio – faculdade de manter uma posição (conservação do equilíbrio), mesmo em condições difíceis, ou de a recuperar rapidamente (recuperação do equilíbrio) de acordo com a especificidade da tarefa;
- Capacidade de Orientação Espacial – faculdade de se aperceber das alterações espaciais (modificações da posição do corpo como um todo no espaço) à medida que elas intervêm na execução dos movimentos;
- Capacidade de Reacção Motora – faculdade de analisar rapidamente a situação e de executar a resposta motora mais adequada;
- Capacidade de Ritmo – constitui a qualidade necessária à compreensão, acumulação e interpretação das estruturas temporais e dinâmicas pretendidas ou contidas na evolução do movimento. Por outras palavras, é a capacidade de imprimir uma determinada cadência à realização de um movimento ou de assimilar essa cadência, quando a mesma é fornecida exteriormente.

Como o próprio autor refere (1986, cit. Vasconcelos, 1991), esta classificação não deve ser considerada como uma representação multidimensional definitiva destas capacidades complexas.

Gomes (1996) salienta precisamente o facto de, apesar de inúmeras investigações realizadas nesta área, não ter sido ainda possível determinar, com exactidão, a estrutura multidimensional das diversas componentes da CM.

Em suma, as capacidades coordenativas permitem a identificação da posição do corpo (ou parte dele) no espaço, a adequação espaço-temporal dos movimentos, a pronta reacção a diferentes estímulos específicos, a manutenção e recuperação do equilíbrio e a adequação dos movimentos corporais a ritmos determinados intrínseca ou extrinsecamente (Martins, 2005).

O papel fundamental que as capacidades coordenativas desempenham na estrutura do movimento, reflecte-se nas múltiplas aptidões necessárias para responder às exigências do quotidiano, do trabalho e do desporto (Hirtz, 1986; Jung e Wilkner, 1987 cit. Gomes, 1996).

“A insuficiência de coordenação refere-se à instabilidade motora geral, que engloba os defeitos qualitativos da condução do movimento atribuído a uma interacção imperfeita das estruturas funcionais subjacentes, i.e., sensoriais, nervosas e musculares, a qual provoca uma moderada alteração qualitativa dos movimentos e produz uma diminuição leve a mediana do rendimento motor” (Lopes et al., 2003).

Tal como afirmado por Hirtz (1986) um bom desenvolvimento das capacidades coordenativas permite às crianças e jovens executar, de forma correcta e adequada, uma multiplicidade de acções motoras na vida quotidiana e no domínio desportivo.

Os défices coordenativos verificados nas crianças dependem normalmente da quantidade e qualidade de experiências motoras vivenciadas. Lopes e colaboradores (2003) apontam para o facto de esta insuficiência de coordenação poder e dever ser corrigida por medidas adequadas no contexto

da Educação Física escolar. Melhorias neste domínio parecem ser possíveis desde que a causa seja precisamente, a fraca experiência motora.

2.3 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Foi a partir do séc. XIX que surgiu a preocupação em estabelecer uma definição para o Deficiente Intelectual. Essa definição concentra-se em duas áreas: o funcionamento intelectual, que seria inferior à média estatística das pessoas e, principalmente, os comportamentos adaptativos, que se encontram comprometidos.

O funcionamento intelectual está relacionado com áreas académicas; a capacidade de um indivíduo resolver problemas e acumular conhecimentos. É medido pelos testes de inteligência.

O comportamento adaptativo prende-se com as capacidades necessárias para um indivíduo se adaptar e interagir no seu ambiente de acordo com o seu grupo etário e cultural. As áreas do comportamento adaptativo são: a comunicação, os cuidados pessoais, a autonomia em casa, as competências sociais, os comportamentos comunitários, a auto-direcção, a saúde e segurança, o funcionamento académico, o lazer e o emprego (Luckasson e tal, 1992, citado em Correia, 1997).

Segundo a descrição do DSM.IV. a característica essencial da Deficiência Intelectual remete para uma pessoa que possui um “funcionamento intelectual significativamente inferior à média, acompanhado de limitações significativas no funcionamento adaptativo em pelo menos duas das seguintes áreas de habilidades: comunicação, auto-cuidados, vida doméstica, habilidades sociais, relacionamento interpessoal, uso de recursos comunitários, auto-suficiência, habilidades académicas, trabalho, lazer, saúde e segurança”.

De facto, o termo Deficiência Intelectual suscita algumas divergências entre os profissionais que se dedicam a estabelecer uma definição concreta. Porém, aquela que reúne um maior número de adeptos é a proposta pela American Association on Mental Retardation (AAMR) em 1992, que define desta forma o conceito: “ A Deficiência Intelectual refere-se a um estado de funcionamento atípico no seio da comunidade, manifestando-se logo na infância, em que as limitações do funcionamento intelectual (inteligência) coexistem com as limitações no comportamento adaptativo. Para qualquer pessoa com deficiência intelectual, a descrição deste estado de funcionamento exige o conhecimento das suas capacidades e uma compreensão da estrutura e expectativas do meio social e pessoal do indivíduo” (Luckasson e tal, 1992, citado em Correia, 1997).

As definições acima descritas sugerem que a Deficiência Intelectual é um estado onde existe uma limitação funcional em qualquer área do funcionamento humano, considerada abaixo da média geral das pessoas pelo sistema social onde se insere a pessoa. Ora, isto significa, que determinado indivíduo pode ser considerado deficiente numa dada cultura e não deficiente noutra, de acordo com a sua capacidade de satisfazer as necessidades dessa cultura.

A deficiência será sempre relativa em relação aos demais indivíduos de uma mesma cultura, pois, a existência de alguma limitação funcional, principalmente nos graus mais leves, não seria suficiente para caracterizar um diagnóstico de Deficiência Intelectual, caso não exista um mecanismo social que atribua a essa limitação um valor de morbilidade. E esse mecanismo social que atribui valores é sempre comparativo, isto é, relativo. Pelo que, a própria definição e diagnóstico do conceito de Deficiência Intelectual é também ele relativizado à sociedade e cultura onde se encontra.

Por fim, na literatura deparamo-nos com diversas terminologias, algumas delas bastante antigas e desajustadas, como é o caso de atraso mental ou retardo mental, termos hoje em dia postos de parte. A nomenclatura mais utilizada, actualmente é, Deficiência Intelectual.

Crenças e Factos sobre a Deficiência Intelectual:

Crença: Uma vez diagnosticada, a deficiência intelectual é irreversível.

Facto: O nível de funcionamento intelectual não se mantém sempre igual. Especialmente nos casos de deficiência intelectual ligeira, com programas educativos intensivos e adequados. Algumas pessoas podem reverter essa situação.

Crença: Podem identificar-se na maioria dos casos as causas da deficiência intelectual.

Facto: Na maioria dos casos, especialmente os de deficiência intelectual ligeira não podemos identificar as causas.

Crença: A maioria das crianças com deficiência intelectual tem um aspecto diferente das outras.

Facto: A maioria das crianças com deficiência intelectual, são portadoras de deficiência intelectual ligeira e não se distinguem fisicamente das outras crianças ditas sem necessidades educativas especiais.

Crença: A maioria dos casos de deficiência intelectual podem ser identificados na infância.

Facto: Muitas crianças só são identificadas quando vão para a escola, por vários motivos:

- porque muitas crianças com deficiência intelectual têm deficiência intelectual ligeira;
- porque os testes de inteligência para crianças pequenas não são muito fiáveis e válidos;
- porque ao entrar na escola as solicitações intelectuais que são exigidas à criança aumentam significativamente.

Crença: As pessoas com deficiência intelectual tendem a ser simpáticas e com facilidade fazem amigos.

Facto: Devido a um conjunto de características comportamentais e ao isolamento social que por vezes sofrem algumas pessoas com deficiência intelectual, têm dificuldades em fazer e manter amigos.

Crença: O mau desempenho dos trabalhadores com deficiência intelectual prende-se com a sua falta de competência profissional.

Facto: Quando o seu desempenho é mau, é-o mais por falta de responsabilidade profissional (absentismo e falta de iniciativa) e incompetência social (interacções inapropriadas com os colegas de trabalho), que devido a incompetência ao efectuar da tarefa.

(Adaptado de Hallahan e Kauffman, 1997)

Causas e factores de risco:

São inúmeras as etiologias e factores de risco subjacentes à Deficiência Mental. É, no entanto, importante salientar que, muitas vezes, mesmo utilizando sofisticados recursos diagnósticos, não se chega a definir, com clareza a causa desta deficiência. A sua identificação, em alguns casos, torna-se impossível.

Porém, pode-se enunciar algumas das causas e factores de risco conhecidas e mais frequentemente diagnosticadas. Temos as causas intra-individuais (causas genéticas, doenças cerebrais graves, influências pré-natais desconhecidas e desordens psíquicas) e as causas externas ao indivíduo (factores pré-natais, factores peri-natais e factores pós-natais).

Causas intra-individuais:

- **Causas Genéticas:** Geralmente resultam de uma transmissão hereditária, quando um dos pais é portador no seu código genético do

gene causador da desordem, ou de anomalias nos cromossomas. Estas podem ocorrer durante a divisão celular. A pessoa pode ter cromossomas a mais, a menos ou a estrutura destes encontra-se modificada. A *Trissomia 21*, *Trissomia 18*, *Cri-du-chat*, *Desordem do X frágil*, *Síndrome de Klinefelter* são alguns exemplos deste tipo de desordens.

Existe um outro tipo de desordens genéticas que afectam os indivíduos ao nível metabólico associando a deficiência intelectual a alterações endócrinas ou à incapacidade de produzir determinadas proteínas ou enzimas quando determinados genes relacionados a essas substâncias não funcionam. Como exemplo deste tipo de desordens temos: a *Fenilcetonúria*, a *Hiperglicemia*, o *Síndrome de Lowe*, que remetem para a incapacidade do organismo metabolizar aminoácidos; a *Doença de Gaucher*, a *Lipidose*, a *Doença de Nienmann-Prick*, que conduzem a uma incapacidade do organismo metabolizar lípidos; a *Galactosemia*, a *Hipoglicemia*, a *Intolerância à frutose*, que provocam a incapacidade orgânica de metabolizar hidratos de carbono e o *Hipotiroidismo*, associado a uma desordem endócrina.

- **Doenças Cerebrais Graves:** Qualquer problema ocorrido durante a formação e desenvolvimento do cérebro pode causar deficiência intelectual.

São doenças que podem provocar deficiência intelectual quando os tumores a estas associados se localizam no cérebro, ou desordens degenerativas. A *Neurofibromatose* ou *Doenças de Von Recklinghausen*, a *Esclerose Tuberosa* e a *Doença de Huntington*, são exemplos de tais doenças cerebrais.

- **Influências Pré-Natais desconhecidas:** São caracterizadas por mal formação cerebral ou craniana presente no nascimento, como são exemplo a *Microcefalia*, a *Hidrocefalia* e a *Spina Bífida*.

- Desordens Psíquicas: Temos como exemplo a Desordem de Rett e certos casos de Autismo e *Esquizofrenia*.

Causas externas ao indivíduo:

Um conjunto de factores ambientais podem afectar um indivíduo, antes, durante e depois do parto, podendo causar deficiência intelectual.

- Factores de Risco e Causas **Pré-Natais**: São aqueles que vão incidir desde a concepção até ao início do trabalho de parto, e podem ser:

- desnutrição materna;
- má assistência à gestante;
- tóxicos: alcoolismo, consumo de drogas, efeitos colaterais de medicamentos (medicamentos teratogénicos), poluição ambiental e tabagismo;
- genéticos: alterações cromossómicas (numerais ou estruturais, como por ex.: o *Síndrome de Down*, o *Síndrome de Martin Bell*); alterações genéticas, ex.: erros inatos do metabolismo (fenilcetonúria), *Síndrome de Williams*, *Esclerose tuberosa*, etc.
- infecções e Intoxicações: Rubéola, Herpes, Sífilis, *Toxoplasmoses*, intoxicação por Chumbo, Mercúrio e radiações.

- Factores de Risco e Causas **Peri-Natais**: São aqueles que vão incidir desde o início do trabalho de parto até o 30º dia de vida do bebé, e podem ser divididos em:

- má assistência ao parto e traumas de parto;
- hipoxia ou anóxia (oxigenação cerebral insuficiente);
- prematuridade e baixo peso;
- icterícia grave do recém-nascido (incompatibilidade de factor Rh/ABO);

- convulsões.

- Factores de Risco e Causas **Pós-Natais**: São os que vão incidir a partir do 30º dia de vida até ao final da adolescência e podem ser:
 - traumas ou agentes físicos: anoxia (privação do oxigénio), um traumatismo craniano originado por acidente de viação e abuso físico;
 - influências ambientais: desvantagens sócio-económicas e cultural devido a uma fraca estimulação familiar;
 - desnutrição, desidratação grave, carência de estimulação global;
 - infecções: meningoencefalites, sarampo, etc.;
 - intoxicações exógenas (envenenamento): remédios, insecticidas, produtos químicos (chumbo, mercúrio, etc.);
 - acidentes: trânsito, afogamento, choque eléctrico, asfixia, quedas, etc.;
 - infestações: neurocisticercose (larva da Taenia Solium).

(Bautista Pacheco e Paradas Valência, 1997 e Hallahn e Kauffman, 1997).

Identificação da deficiência:

É necessário a existência de uma pluralidade de sinais para que se suspeite da presença da deficiência intelectual. Um único aspecto não pode ser considerado como indicativo de qualquer deficiência.

- Atraso no desenvolvimento neuro-psicomotor (a criança demora a colocar firme a cabeça, a sentar, a andar e a falar.
- Dificuldade em aprender (dificuldade de compreensão de normas e ordens, dificuldades de aprendizagens ao nível escolar).

Estes são dois dos variados sinais para identificar a deficiência intelectual.

Diagnóstico:

O diagnóstico da deficiência intelectual deve ser realizado por uma equipa multi-profissional, composta pelo menos por um assistente social, um médico e um psicólogo.

Estes profissionais, actuando em equipa, possuem as condições para avaliar o indivíduo na sua totalidade, ou seja, o assistente social através do estudo e diagnóstico familiar (dinâmica de relações, situação do deficiente na família, aspectos de aceitação ou não das dificuldades da pessoa, etc.) analisará os aspectos sócio-culturais; o médico através da anamnese acurada e exame físico (recorrendo a avaliações laboratoriais ou de outras especialidades, sempre que necessário) analisará os aspectos biológicos e, finalmente o psicólogo que, por intermédio da anamnese, observação e aplicação de testes, provas e escalas avaliativas específicas, avaliará os aspectos psicológicos e nível de deficiência intelectual.

Posteriormente, em reunião, todos os aspectos devem ser discutidos em conjunto pelos profissionais que atenderem o caso, para as conclusões finais e diagnóstico global, bem como para a definição das condutas a serem tomadas e encaminhamentos necessários, sendo então a família chamada para as orientações devolutivas e caminhos de intervenção adequados.

Com esta sistemática de trabalho em equipa, torna-se mais fácil a orientação da família que, após entender as potencialidades do filho e as suas necessidades, poderá participar e cooperar nos tratamentos propostos. A participação familiar é fundamental no processo de atendimento à pessoa com deficiência intelectual.

O diagnóstico de deficiência intelectual é muitas vezes difícil. Numerosos factores emocionais, alterações de certas actividades nervosas superiores, como retardo específico de linguagem ou dislexia, psicoses ou um baixo nível sócio – económico ou cultural, podem estar na base da impossibilidade do

ajustamento social adaptativo adequado, sem que haja necessariamente deficiência intelectual. Estes factores devem ser tomados em conta e desta feita, adequadamente diagnosticados quando se suspeita que uma criança poderá ser portadora de uma deficiência intelectual. É submetida à avaliação da sua capacidade intelectual, permitindo a avaliação das possibilidades de inserção social da criança e orientando a abordagem terapêutica e educacional.

Prognóstico:

Todo o investimento em programas de estimulação precoce, pedagogia e ocupacionais (profissionalizantes ou não) visa sempre o pleno desenvolvimento do potencial apresentado pelo indivíduo e a inserção social do mesmo na sua comunidade. Quanto maior for a integração social da pessoa, tanto maiores serão as suas oportunidades de aceitação e inclusão na sociedade.

Definição e exemplos da intensidade dos apoios:

Muitas das pessoas com deficiência intelectual não apresentam limitações em todas as áreas das habilidades adaptativas e, portanto, não precisam de apoio nessas áreas não afectadas. É essencial a existência de uma mudança de concepção de prestação de serviços, frente a uma orientação de manutenção na qual sobressaem as noções de crescimento e desenvolvimento pessoal, o que implica o oferecimento de alguns serviços continuados e variados para responder às necessidades destas pessoas. Tais necessidades devem ser determinadas através de avaliações clínicas e nunca em função de um único diagnóstico fechado que rotula a pessoa.

É, então, necessária a realização de uma avaliação detalhada do indivíduo e a procura dos apoios de que ele necessita. Qualquer abordagem deverá focalizar o adequado tratamento e planeamento dos serviços que tenham em consideração todos os aspectos da pessoa. Tal intervenção deverá centrar-se na possibilidade que o ambiente social tem de oferecer os serviços e

apoios que aumentarão as oportunidades do indivíduo levar uma vida pessoal satisfatória.

Existem, basicamente, quatro tipos de apoios:

- Intermitente: Apoio “quando necessário”. É caracterizado pela sua natureza episódica. Assim, a pessoa não precisa sempre de apoio ou requer apoio de curta duração durante momentos de transição em determinados ciclos da vida (por exemplo, perda de emprego ou fase aguda de uma doença). Os apoios intermitentes podem ser de alta ou de baixa intensidade.
- Limitado: Apoios intensivos caracterizados pela sua duração, por tempo limitado, mas não intermitente. Podem requerer um menor número de profissionais e menor custo que outros níveis de apoio mais intensivos (por exemplo, treino para o trabalho por tempo limitado ou apoios transitórios durante o período entre a escola e a vida adulta).
- Extenso: Apoios caracterizados pela sua regularidade (por exemplo, diária) em pelo menos em algumas áreas, tais como na vida familiar ou na profissional e sem limitação temporal. Por exemplo, apoio a longo prazo e apoio familiar a longo prazo.
- Generalizado: Apoios caracterizados pela sua constância e elevada intensidade, proporcionados em diferentes áreas de forma a viabilizar a vida do indivíduo. Estes apoios generalizados exigem um maior número de pessoal de apoio e uma maior intromissão que os apoios extensivos ou os do tempo limitado.

Tipos:

Os indivíduos portadores de deficiência intelectual não são afectados da mesma forma, assim, encontram-se dependentes do grau de comprometimento. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, em 1976, essas pessoas eram classificadas como portadoras de deficiência intelectual leve, moderada, severa e profunda. Contudo, actualmente, tende-se a não

enquadrar previamente a pessoa com deficiência intelectual numa categoria baseada em generalizações de comportamentos esperados segundo a sua faixa etária.

O nível de desenvolvimento a ser alcançado pelo indivíduo irá depender não só do grau de comprometimento da deficiência intelectual, mas também da sua história de vida, particularmente, do apoio familiar e das oportunidades vivificadas.

Níveis de Deficiência Intelectual:

De acordo com a definição estabelecida pela AAMR em 1983, poderíamos classificar as pessoas com deficiência intelectual dentro dos seguintes níveis baseados no Q.I. e considerando o comportamento adaptativo:

Quadro 3 – Níveis diferenciados de Deficiência Intelectual de acordo com os valores de QI (adaptado de DSM-IV, 1994).

		NÍVEL	VALOR
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL		Ligeira -----	Q.I. entre 50-55 e 70
		Moderada -----	Q.I. entre 35-40 e 50-55
		Grave -----	Q.I. entre 20-25 e 35-40
		Profunda -----	Q.I. inferior a 20-25

Actualmente, à luz da última definição da AAMR vê-se a Deficiência intelectual não como uma condição pessoal implicando uma incompetência funcional e relacional, mas como um conjunto de limitações que condicionam a forma como o indivíduo se adapta ao meio social envolvente e às condições de vida que possui, com as suas limitações e as suas capacidades. Assim, faz mais sentido classificar não as pessoas mas os tipos e quantidade de apoios que a pessoa necessita para funcionar no dia a dia (Adaptado de Luckasson et al, 1992, citado em Hallahan e Kauffman, 1997).

Dados estatísticos:

Segundo a Organização Mundial de Saúde, 10 % da população em países em desenvolvimento, são portadores de algum tipo de deficiência, sendo metade destes portadores de deficiência intelectual.

Características das crianças com Deficiência intelectual:

Em virtude do património genético herdado dos nossos progenitores e das variadíssimas experiências ambientais a que somos sujeitos em todos os momentos da nossa vida, nem mesmo os gémeos mais parecidos podem pretender ser absolutamente iguais. Simplesmente não há duas pessoas iguais e as crianças com deficiência intelectual não fogem a este enunciado.

No conjunto dos indivíduos com deficiência intelectual existe uma grande variedade de capacidades, incapacidades, áreas fortes e necessidades. Há no entanto quatro áreas em que as crianças com deficiência intelectual podem apresentar diferenças em relação aos outros. São elas as *áreas*: motora, cognitiva, comunicação e sócio educacional.

- *Área Motora*

Geralmente as crianças com D.I. ligeira não apresentam diferenças em relação aos colegas da mesma idade sem necessidades educativas especiais, podendo por vezes ter alterações na motricidade fina.

Em casos com problemáticas mais severas as incapacidades motoras são mais acentuadas, nomeadamente na mobilidade; Falta de equilíbrio, dificuldades de locomoção, de coordenação, dificuldades na manipulação.

Comparativamente aos seus colegas sem necessidades educativas especiais, as crianças com deficiência intelectual podem começar a andar um pouco mais tarde, geralmente são de estatura mais baixa e mais susceptíveis a doenças. Apresentam uma maior incidência de problemas neurológicos, de visão e audição (Kirk e Gallagher, 1996).

- *Área Cognitiva*

As crianças com deficiência intelectual apresentam dificuldades na aprendizagem de conceitos abstractos; em focar a atenção; ao nível da memória, tendem a esquecer mais depressa que os seus colegas sem necessidades educativas especiais; demonstram dificuldades na resolução de problemas e em generalizar para situações novas a informação apreendida, conseguem no entanto generalizar situações específicas utilizando um conjunto de regras.

Podem atingir os mesmos objectivos escolares que os seus colegas sem necessidades educativas especiais até certo ponto, mas de uma forma mais lenta.

- *Área da Comunicação*

Apesar de podermos comunicar com os nossos pares de muitas e variadas formas, é através da Linguagem falada e escrita que geralmente o fazemos. Comunicamos por meio de signos, a que Vygotsky tanta importância dá, pelo seu papel de ponte entre o Pensamento e a Linguagem na medida em que este é recriado e transformado por aquela (Riviére, 1988, citado em Martins, 1997). Para além da sua função social e comunicativa, a Linguagem desempenha um papel de suma importância como instrumento do pensamento ao serviço da resolução de problemas cognitivos, na planificação e regulação da conduta (Carretero e Madruga, 1984). É através da linguagem que nos apropriamos da Cultura e interagimos socialmente. Aqui as crianças com deficiência intelectual apresentam muitas vezes dificuldades. Quer ao nível da fala e sua compreensão, quer no ajustamento social. Sabendo-se que os estímulos ambientais são fundamentais ao desenvolvimento do indivíduo (Hallahan e Kauffman, 1997), estes problemas poderão ser, se não causa, um factor a considerar como grande influência no desempenho das crianças com deficiência intelectual.

- *Área Sócio Educacional*

Como já foi dito demonstram dificuldades, na generalização para novas situações, de aquisições e comportamentos anteriormente experimentados, assim como nas interações sociais, pelo que assume capital importância o desenvolvimento desta área para uma real e efectiva inserção na sociedade.

A discrepância entre as idades mental e cronológica provoca uma diminuição das capacidades para interagir socialmente, o que é sem dúvida, agravado pelo facto de muitas das vezes estas crianças serem vistas apenas de acordo com a sua idade mental e não em relação à sua idade cronológica e colocadas fora dos grupos da sua faixa etária. No entanto é através da interacção com os seus pares da mesma idade, participando nas mesmas actividades, que aprendem os comportamentos, valores e atitudes apropriados à sua idade.

A aprendizagem de competências sociais é pois fundamental para as crianças com deficiência intelectual com vista à sua inclusão quer no ambiente escolar, quer na sociedade.

Educação de crianças com Deficiência Intelectual

Atendendo à necessidade do ensino ser encarado numa perspectiva individualizada, de forma a melhor servir as necessidades próprias de cada criança, não podemos afirmar que existam "receitas" específicas para o trabalho com alunos portadores de deficiência intelectual. No entanto, analisando as características gerais comuns a estas crianças, podemos enunciar alguns princípios educativos a ter em conta durante a programação e implementação desta, junto destes alunos.

As aprendizagens processam-se de uma forma lenta pelo que é importante focarmos a atenção apenas nos objectivos que realmente queremos ensinar, criar situações de aprendizagem positivas e significativas, preferencialmente nos ambientes naturais do aluno e de uma forma o mais concreta possível, para que este se sinta motivado e com predisposição para aprender. Tendo em conta as dificuldades destas crianças em efectuar a

aquisição de conceitos abstractos bem como generalizar e transferir os comportamentos e aprendizagens adquiridos para novas situações, é necessário que estas aquisições se processem nos contextos e situações os mais variados e naturais possíveis.

Outro factor a ter em conta é a necessidade de dividir as tarefas em conjuntos de subtarefas mais simples, de forma a graduar a dificuldade das aquisições tornando-a mais acessível e positiva, tendo sempre em mente que o sucesso gera sucesso e o insucesso sucessivo gera desmotivação, recusa de novas aprendizagens e mais insucesso, criando uma baixa auto-estima, logo uma pessoa infeliz para quem a escola passa a ser um penoso fardo a carregar todos os dias.

Tendo sempre em mente que todas as aprendizagens têm como objectivo principal a facilitação da vida futura numa perspectiva funcional, ou seja permitir uma inclusão e participação activa e válida na vida em sociedade visando sempre uma progressiva autonomia do indivíduo, podemos concluir da necessidade de uma significação eminentemente prática destas aprendizagens.

Assim, relativamente aos alunos com deficiência intelectual ligeira não deverá existir uma grande diferença entre os seus currículos e dos outros alunos da classe. Deverá ser dada uma grande importância aos comportamentos adaptativos de forma a dotar o aluno com as competências sociais necessárias a um pleno funcionamento e participação na vida em sociedade. No seu modelo de competência social Sargent (1991, citado em Smith, T., Pollaway, E., Patton, J., e Dowdy, C., 1995) apresenta os resultados desejados, em termos sociais como fruto de três processos, determinados pela cultura dominante:

- O efeito provocado nos outros socialmente (entusiasmo, confiança, optimismo, independência, boa postura, boa apresentação, assertividade);
- As Competências sociais (iniciativa para interagir, repostas às interacções, comportamentos sociais pessoais, comportamentos

específicos de várias situações; escolares, públicas, familiares, no local de trabalho);

- A Cognição social (empatia, discriminação e inferência social, compreensão/ entendimento social, compreensão dos motivos dos outros, julgamentos morais e éticos, resolução de problemas).

Também nas áreas acadêmicas deverá ser sempre tida em conta a necessidade de uma aproximação funcional das aprendizagens. A aprendizagem da leitura e matemática vistas nesta perspectiva deverão dotar os alunos de competências práticas como por exemplo ler as bulas dos medicamentos, avisos públicos, horários, fazer orçamentos, gestão de dinheiro e situações de compra e venda. A comunicação oral deverá ser treinada sempre tendo em conta a implementação das competências sociais atrás mencionadas. Há que atender também a questões como a saúde e para os alunos mais velho o emprego, a sexualidade e as tarefas domésticas.

Em relação aos alunos com deficiência intelectual moderada deverá ser também dada uma ênfase especial aos comportamentos adaptativos, nomeadamente:

– Cuidados Pessoais:

- Como se alimentar: saber comer e beber de várias formas e em várias situações utilizando os comportamentos adequados a cada uma destas;
- Vestir-se, despir-se e cuidar do seu vestuário;
- Aplicar os cuidados básicos de higiene.

– Motricidade:

- Controlar a postura em várias situações: sentado, em pé;
- Coordenar movimentos finos: Desfolhar livros, enroscar e desenroscar tampas de frascos, riscar ou escrever com um lápis, rodar manípulos de portas;
- Coordenar movimentos amplos: correr, atirar uma bola, trepar, saltar.

– Comunicação:

- Utilizar as formas mais adequadas para:
- Fazer e responder a pedidos;
- Expressar necessidades e desejos;
- Fazer e responder a perguntas;
- Narrar experiências do dia-a-dia.

– Aspectos Académicos:

- Sempre numa perspectiva funcional:
- Ler e escrever o nome, a morada, o telefone;
- Utilizar o telefone;
- Ler informações das paragens de autocarro, comboio;
- Ver as horas;
- Fazer trocos.

– Aspectos Sociais:

- Manter comportamentos adequados em várias situações;
- Relacionar-se com os outros, da sua idade e mais velhos;
- Ser capaz de esperar a sua vez em várias situações;
- Seguir regras em jogos.

Para os alunos mais velhos há que atender ainda aos cuidados a ter:

– No Emprego:

- Chegar a horas, comportamentos adequados enquanto está a trabalhar e a aspectos específicos do emprego.

– Tarefas Domésticas;

– Comportamentos na Comunidade:

- Saber utilizar transportes públicos;

- Comportamentos socialmente aceitáveis em áreas de lazer, cinemas, teatros, jardins.

- Saúde;

- Sexualidade.

(Adaptado de Vieira, P., Pereira, M., Masteling, A., Castro, F., Trindade, O., Breda, R., Rodrigues, M., e Genep, A., 1996)

Relativamente aos alunos com deficiência intelectual profunda, que necessitam apoios mais intensivos, devem ser desenvolvidos os comportamentos básicos para que a criança responda a diferentes estímulos, pessoas, objectos. Deve-se ensinar a prestar atenção, a orientar o corpo e focar o olhar. Aqui o desenvolvimento da motricidade desempenha um papel fundamental atendendo às frequentes dificuldades nesta área que estes alunos apresentam, assim como pela importância de que se reveste, seja na locomoção, comunicação ou mesmo na sua vertente lúdica.

Outra área de grande importância é a da estimulação sensorial, tátil, visual e auditiva pelo facto de mesmo nos casos de alunos com problemáticas mais profundas permitir uma interacção mais positiva entre a criança e o mundo em seu redor (Vieira et al., 1996).

Não será demais recordar que este tipo de intervenção deverá ser objecto de uma prévia e cuidada programação, os objectivos bem definidos de acordo com as reais necessidades do aluno e a avaliação do programa efectuada de modo a que este possa ser revisto sempre que tal se justifique. Esta programação e respectiva implementação deveriam ser sempre efectuadas por um conjunto de vários profissionais em colaboração, cada um dentro da sua área, de modo a proporcionar todas as condições de sucesso a estas crianças de forma a poderem dar o seu contributo à sociedade em que vivem.

2.4 EPILEPSIA

A Epilepsia é um distúrbio que afecta o cérebro, expressando-se através de crises – manifestações motoras, sensitivas, sensoriais, psíquicas ou neurovegetativas. Estas crises correspondem a uma descarga anormal de alguns neurónios cerebrais, súbita e imprevisível, que afecta, assim, o pensamento ou o corpo, sem que o doente a possa controlar, podendo durar entre alguns segundos e vários minutos.

Geralmente, as crises são associadas a convulsões por todo o corpo e contracções de um dos membros ou face, mas existem vários tipos, cuja frequência e manifestação variam de doente para doente.

A epilepsia é a disfunção do sistema nervoso mais comum do mundo, afectando cerca de 50 milhões de pessoas em todo o mundo, independentemente da idade, do sexo, da raça, do estrato social ou da nacionalidade.

Segundo a Liga Portuguesa Contra a Epilepsia, (L.P.C.E.) estima-se que em Portugal existam cerca de 40.000 a 70.000 epiléticos em Portugal. No entanto, com as crises controladas, é possível ter uma vida normal, trabalhar, conviver com amigos, namorar ou casar, ter filhos, como qualquer outra pessoa.

Actualmente sabemos serem muitas e diversas as causas para a Epilepsia pelo facto de serem também muitos os factores passíveis de provocar lesões neuronais. Traumatismos cranianos, traumatismos de parto, ingestão de substâncias tóxicas, tumores, doenças infecciosas, acidentes vasculares cerebrais e problemas cardiovasculares (pela privação de fluxo sanguíneo a que o cérebro é sujeito) (Martins, 2005).

Define-se como Epilepsia Sintomática, os casos de epilepsia em que a causa primária responsável pelo estado patológico é perfeitamente identificada. O termo “sintomático” aponta precisamente para o facto de a Epilepsia em causa ser somente o sintoma da doença primária.

Por sua vez, quando não é possível identificar a causa da Epilepsia podemos classificá-la de Idiopática ou Criptogénica. Epilepsia Idiopática é referente aos casos em que além de não ser conhecida a causa, também não se possui qualquer suspeita da mesma. Quando a causa não é detectável mas existem fortes suspeitas, utiliza-se o termo Criptogénica (Liga Portuguesa Contra a Epilepsia, 2007).

Para Martins (2005), a maioria das pessoas possui a percepção errada de que a epilepsia é uma doença para toda a vida. A autora atenta para o facto de determinadas epilepsias serem total ou parcialmente curáveis e, de muitos casos não necessitarem de medicação anti-epiléptica em permanência.

De acordo com a Liga Portuguesa Contra a Epilepsia (2007), o sucesso do tratamento desta patologia depende de factores como: o tipo de crise, o diagnóstico precoce da doença, a eficácia dos medicamentos utilizados, o cumprimento da medicação, a existência de outras lesões associadas e de problemas sociais condicionantes.

No tratamento de um indivíduo com Epilepsia, o cuidado com a medicação assume um papel de destaque, conhecidos que são os diferentes efeitos secundários dependentes do tipo e da dose do medicamento utilizado (Martins, 2005). Sonolência, tonturas e náuseas são os mais frequentes.

A Epilepsia comporta porém um espectro alargado de manifestações. A sintomatologia mais facilmente associada a esta patologia é a crise epiléptica. Contudo, importa referir que qualquer indivíduo, mesmo que não diagnosticado como epiléptico, pode sofrer uma crise desta natureza. Traumatismos cranianos, deficiências no aporte de oxigénio, baixa do nível de açúcar na corrente sanguínea e abuso de substâncias tóxicas (e.g., cocaína) constituem alguns dos factores frequentemente associados à ocorrência de crises em indivíduos não diagnosticados com Epilepsia. De acordo com a Liga Portuguesa Contra a Epilepsia (2005), um em cada vinte indivíduos tem uma única crise isolada durante toda a vida.

Apesar desta evidência, o termo Epilepsia é somente utilizado nos casos em que as crises têm tendência a repetir-se, de forma espontânea, ao longo da vida, sendo a frequência de ocorrência variável de indivíduo para indivíduo.

Segundo Martins (2005), as crises ou ataques epilépticos devem-se a uma perturbação do funcionamento do cérebro, que despoleta descargas eléctricas anormais. Sendo habitualmente de curta duração, têm um início imprevisível, mantendo-se o funcionamento cerebral normal entre crises.

Visão idêntica é apresentada por Costa e Paiva (2006), ao definirem as crises epilépticas como manifestações clínicas de alterações de comportamento e/ou consciência, que resultam de descargas eléctricas espontâneas e anómalas de neurónios no encéfalo.

As características particulares das crises epilépticas relacionam-se directamente com as funções dos neurónios onde ocorre a referida descarga eléctrica e com a extensão da área cerebral em causa, isto é, se envolve um grupo de células restrito, propaga a outros grupos ou atinge simultaneamente todos os neurónios.

Assim, de uma forma geral, podemos distinguir três tipos principais de crises epilépticas: parciais (quando a descarga apenas abrange uma área cerebral), generalizadas (quando envolvem todo cérebro) e «parciais com generalização secundária». Apesar de menos comum, o terceiro tipo de crise principal referida, é respeitante aos casos em que ocorre inicialmente uma descarga numa zona circunscrita, atingindo posteriormente todo o cérebro (Martins, 2005).

Dentro deste enquadramento geral, a Liga Portuguesa Contra a Epilepsia (2007) especifica sete tipos de crises epilépticas, as quais apresentamos de seguida:

- Crise Generalizada Tónico-Clónica – De duração inferior a 5 minutos, caracteriza-se pela ocorrência de queda súbita (com ou sem grito) e rigidez muscular seguida de convulsões, paragem da respiração, face

arroxeada, e eventual perda de urina e mordedura da língua. Após a crise é frequente o estado de confusão e/ou fadiga antes do retorno à normalidade. Este tipo de crise é tradicionalmente designado de “Grande Mal”.

- Ausência ou “Pequeno Mal” – Ocorre mais frequentemente em crianças, sendo caracterizada por uma paragem súbita de alguns segundos, acompanhada por pestanejo ou movimentos mastigadores. Recuperação rápida, com amnésia destes episódios. Quando não reconhecida, este tipo de crise interfere nas aprendizagens da criança.
- Crise Mioclónica – Caracteriza-se por contracções musculares súbitas e maciças atingindo todo o corpo ou partes do mesmo, de tal forma que o indivíduo pode deixar cair e atirar objectos ou cair de uma cadeira.
- Crise Atónica – Ocorre em crianças e adultos e é caracterizada por queda súbita sem perda de conhecimento. Dez a sessenta segundos após a crise, o indivíduo consegue erguer-se e andar.
- Crise Parcial Simples – Este tipo de crise caracteriza-se por convulsões iniciais limitadas a uma área do corpo que podem posteriormente propagar-se, não havendo perda de conhecimento. Contudo, ocorrendo uma generalização podem provocar uma Crise Generalizada Tónico-Clónica. A Crise Parcial Simples caracteriza-se também pela sensação de «formigueiros» ou picada percorrendo uma ou mais áreas corporais, visualização ou audição de coisas ou sons não presentes e sensação inexplicável de medo, prazer, cheiros ou gostos desagradáveis.
- Crise Parcial Complexa – Paragem seguida de movimentos mastigadores e automatismos – e.g. gestos descoordenados de «mexer na roupa», agarrar ou manusear objectos e despir-se. O indivíduo em causa tende a deambular e a resistir quando agarrado. A crise tem a

duração de alguns minutos com posterior confusão ou amnésia da mesma.

- Estado de Mal Epiléptico – Situação em que as convulsões se sucedem sem haver, entre elas, recuperação da consciência. Podendo provocar lesões cerebrais ou morte, requer hospitalização e tratamento médico imediato.

EPILEPSIA MIOCLÓNICA SEVERA

A Epilepsia Micoclónica Severa da Infância foi descrita por Charlotte Dravet em 1978, sendo, em consonância, também denominada Síndrome de Dravet (Liberalesso, 2005).

Reconhecida apenas em 1985 pela *International League Against Epilepsy*, é uma síndrome epiléptica rara, sendo a sua taxa de ocorrência de 1/20 000 até 1/ 40 000 indivíduos na população geral. A prevalência é superior em indivíduos do sexo masculino segundo um rácio de 2/1.

Não sendo claras as causas deste tipo de Epilepsia, suspeita-se de uma forte base genética já que entre 15% a 25 % dos casos ocorrem em crianças com história familiar de epilepsia ou convulsões febris (Dravet, 2003).

Evidenciando-se durante o primeiro ano de vida, as Deficiências Psico-Motoras e outros défices neurológicos são característicos desta patologia. Muitos casos revelam também problemas comportamentais incluindo psicoses. (Dravet, 2003).

Segundo Guilhoto, Felgueira, Lioi & Lioi (2005), os indivíduos com Síndrome de Dravet apresentam frequentemente crises epilépticas febris de vários tipos – mioclónica, ausência, estado de mal epiléptico – assim como distúrbios ao nível da marcha e equilíbrio.

A taxa de mortalidade na infância é muito alta – entre 15, 9% e 18%. As causas de morte variam, sendo prevalentes os afogamentos, acidentes, crises epilépticas, infecções e morte súbita.

O tratamento por via medicamentosa apresenta resultados pouco satisfatórios sendo a resposta individual aos diferentes medicamentos variável de criança para criança (Dravet, 2003).

CAPÍTULO III – Objetivos

III. OBJECTIVOS

3.1 OBJECTIVO GERAL

O presente estudo teve como objectivo geral o desenvolvimento global de um indivíduo com Multideficiência através da aplicação de um programa de Actividade Física individualizado.

3.2 OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Para a concretização do objectivo geral, traçamos como objectivos específicos no domínio motor, o desenvolvimento dos seguintes aspectos:

- Adaptação ao Meio Aquático;
- Coordenação Dinâmica Geral.

CAPÍTULO IV – Material e Métodos

IV. MATERIAL E MÉTODOS

4.1 CASO EM ESTUDO

A caracterização do aluno sobre o qual incidiu o nosso estudo, resultam da consulta de um conjunto de documentos constantes do Dossier Individual da UAEEAM que o mesmo frequenta, os quais a seguir nomeamos:

- Plano Educativo Individual – documento previsto no Artigo 15 do Decreto -Lei 319/91 de 23 de Agosto;
- Ficha de Caracterização Individual da Criança/Jovem com Necessidade de Apoio na Área da Educação Especial – documento da Direcção Regional de Educação do Norte;
- Relatório Individual da criança/aluno – documento do Ministério da Educação, de acordo com o previsto no ponto 5.5 do despacho nº 10856/2005;
- Programa Educativo Individualizado do ano lectivo de 2008/2009 da UAEEAM em que se insere.

Trata-se de um indivíduo do sexo masculino com 10 anos de idade, que revela um quadro de Multideficiência, apresentando as seguintes patologias: Epilepsia Mioclónica Severa (Síndrome de Dravet), Deficiência Mental e Atraso Global do Desenvolvimento.

É filho único, vivendo com os pais em casa própria tendo um quarto só seu. Vive num ambiente familiar estável. Foi bem recebido pelos pais mas não foi bem aceite pela família. Encontra-se actualmente inscrito numa Escola do 1º Ciclo, estando matriculado no 4º Ano e frequentando uma UAEEAM. Este é o quarto ano lectivo que inicia nesta escola e o terceiro consecutivo na referida Unidade.

O aluno frequentou a creche até aos 2 anos de idade, acabando por abandonar por motivos de saúde, ficando ao cuidado da mãe até aos 4 anos. Com esta idade ingressa no Centro Paroquial Nossa Senhora da Ajuda.

Nos três anos seguintes frequentou o Ensino Pré-Escolar, onde, desde então, as Medidas do Regime Educativo Especial têm sido aplicadas com muita dificuldade atendendo à sua pouca assiduidade por motivo de doença.

O aluno nasceu de parto prematuro, estando o peso e comprimento dentro dos parâmetros normais.

Desde as primeiras semanas de vida teve convulsões e diversas otites. Aos três meses e meio de vida esteve internado dezasseis dias, devido a convulsões tónico-clónicas generalizadas, acompanhadas de febre. Aos sete meses foi alvo de mais um internamento que se estendeu por dezanove dias. Com um ano de idade por paragem cardíaca esteve internado cinco dias e aos dezasseis meses é novamente internado devido a convulsões por mais cinco dias. A partir desta altura continua a ter convulsões, generalizadas e focais com e sem febre. Desde essa altura, até ao momento, o Hugo está a ser seguido na consulta de Neuropediatria por apresentar Epilepsia Mioclónica Grave (Síndrome de Dravet), tendo um atraso intelectual como consequência. O aluno é medicado diariamente, no sentido de controlar a epilepsia.

Em 2004 esteve internado devido a problemas pulmonares e em Outubro do ano seguinte foi operado aos ouvidos no Hospital Geral de Sto. António.

Em Abril de 2006 foi internado porque estava num processo de recusa a qualquer tipo de alimentação, o que o levou a um estado de desnutrição grave.

Apesar de actualmente esta situação estar controlada, o aluno continua a recusar a grande maioria dos alimentos, apresentando uma espécie de «autismo alimentar». Este problema é agravado pela pouca quantidade ingerida em cada refeição. Em consonância com estes problemas alimentares que o caracterizam, o aluno é muito magro patenteando contudo uma estatura normal para uma criança da sua idade.

No domínio **motor**, apresentava grandes lacunas relativamente ao seu reportório global.

Ao nível da motricidade grossa, e apesar de utilizar de forma efectiva todos os membros e caminhar autonomamente, a sua descoordenação era bem visível, sendo mais evidente na realização de corrida, saltos ou tarefas

mais específicas como subir e descer escadas. O seu padrão de marcha era lento, descoordenado e com tendência a arrastar os pés.

O aluno apresenta igualmente grandes dificuldades de coordenação óculo-manual e óculo-pedal.

Quanto à motricidade fina, este aluno demonstrava dificuldades ao nível dos movimentos finos da mão, como por exemplo no manuseio de tesouras e alguma dificuldade no encaixar.

Em estreita relação com a coordenação geral, apresentava ainda um défice ao nível do equilíbrio, o qual se verificava não só aquando da realização de movimentos globais como a corrida, mas sobretudo em tarefas específicas como caminhar sobre superfícies de largura reduzida ou saltar de ou para diferentes planos.

No domínio **cognitivo**, uma das suas principais características era a sua dificuldade em permanecer concentrado numa actividade e em manter a atenção pelo período de tempo necessário.

Efectuava tarefas simples de cariz lógico tendo em conta atributos como a cor, forma e quantidade embora com muita dificuldade.

Ao nível da linguagem apresentava um comprometimento grave utilizando produções linguísticas (aproximadas à palavra alvo) com a entoação adequada para indicar o que quer, usando uma intensidade vocal mais elevada (por exemplo, “na ke” para não quero e “cabou” para acabou).

Emitia mensagens verbais simples constituídos por palavras (por exemplo, o nome dos colegas “Ana”, “bom dia”, “mãe”, “pai”).

Imitava sons de objectos ou animais, trauteando ainda canções simples, utilizando o som final das palavras.

Manifestava compreensão das instruções verbais orais relacionadas com o seu contexto imediato (por exemplo, “Vai buscar a bola.”), com a realização das actividades (“Dá o pescoço”) respondendo a perguntas simples (“Onde está o ouvido do menino?”).

No domínio **sócio-afectivo** era capaz de reconhecer a sua própria família assim como as outras pessoas que com ele interagem diariamente.

É uma criança que procura a interacção se bem que, nem sempre da maneira mais correcta, sendo tão frequentes a realização de carícias aos pares e adultos como as tentativas de agressão.

O aluno evidenciava ainda uma tendência constante para testar os limites impostos pelos adultos, recusando-se recorrentemente a acatar as suas ordens. As «birras» eram frequentes, assumindo diferentes formas, desde o bater o pé, chorar, gritar ou agredir. Nessa medida, tornava-se muitas vezes difícil compreender se a dificuldade que patenteia em obedecer a ordens se deve a um problema de compreensão da mesma ou simplesmente a uma manifestação da sua personalidade.

Estas características, reveladoras de alguma intenção de independência, parecem contradizer a clara dependência do aluno em inúmeros aspectos. Sendo uma criança com pouca autonomia em quase todas as tarefas do dia-a-dia, desde o vestir, à alimentação, ao nível da higiene pessoal, entre outros, este aluno era capaz de solicitar ajuda, sendo frequente fazê-lo em tarefas nas quais já possui autonomia.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

Este estudo realizou-se numa UAEEAM de uma Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico do Centro da Área Educativa do Porto, ao abrigo do protocolo efectuado entre a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e a Junta de Freguesia de Ramalde.

A escola insere-se num bairro social da referida Freguesia, sendo ministrados o 1º ciclo do Ensino Básico e o Jardim-de-Infância, em regime diurno administrado em dois turnos: manhã e tarde. Na escola existe ainda o ensino recorrente.

O edifício apresenta, de uma forma global, um bom estado de conservação. É constituído por um bloco único com doze salas de aula, das quais dez estão ao serviço do Ensino Regular, uma pertence ao Pré-Escolar e numa outra funciona a UAEEAM.

Entre outros espaços interiores, possui uma biblioteca, quatro sanitários, uma cozinha e uma cantina. Em relação a instalações exteriores, possui um recreio de grandes dimensões com vedação em toda a sua extensão, onde existem dois campos de jogos, um de Basquetebol e outro de Futebol embora de dimensões reduzidas.

O corpo docente é constituído por dez professores com turmas do Ensino Regular, duas educadoras do Ensino Especial, uma educadora do Ensino Pré-Escolar, um professor de Apoio Educativo para as turmas do Ensino Regular e um professor do Ensino Recorrente. Existe também um professor de Educação Física que lecciona uma aula por semana a todas as turmas do Ensino Regular, em horários diferenciados.

O corpo do pessoal não docente é composto por quatro auxiliares de Acção Educativa, dois auxiliares no Pré-Escolar e duas tarefeiras.

O corpo discente é composto por duzentos e quinze alunos, cinco dos quais frequentam a UAEEAM.

O Agrupamento em que a Escola está inserida integra os serviços de uma Psicóloga e de uma Assistente Social, que efectua a ligação com o Centro de Saúde e a Junta de Freguesia. Precisamente na área da saúde, alguns projectos são pontualmente desenvolvidos em parceria com o referido Centro, tais como o rastreio oftalmológico ou consultas de saúde oral.

Tanto a Junta de Freguesia como a Câmara Municipal do Porto oferecem regularmente donativos de vária ordem: materiais didácticos ou verbas para a sua aquisição, materiais de desgaste a alunos carenciados e transporte gratuito para algumas visitas de estudo ou outros deslocamentos específicos.

A UAEEAM tem como objectivos gerais promover a qualidade de vida dos alunos com NEE incluídos nesta escola e sensibilizar a comunidade educativa para esta problemática.

Com o intuito de promover o desenvolvimento dos alunos que a frequentam, procura adaptar as diferentes actividades às capacidades individuais de cada um, sendo elaborados Programas Educativos Individualizados.

A sala possui seis janelas, com cortinas, numa das suas paredes laterais direccionada para o pátio exterior. Na parede lateral oposta, localiza-se a porta que dá acesso ao corredor interior da escola. As paredes são de cor branca e o piso é sintético, de cor cinzenta. Situa-se numa das extremidades do edifício, o que proporciona um ambiente confortável em termos acústicos e ambientais, evitando muitos ruídos característicos de uma escola.

É uma divisão ampla, acolhedora, bastante iluminada e limpa, geralmente decorada com desenhos, pinturas, colagens e fotografias. Esta decoração não é permanente e, em regra, adequa-se à mudança das estações do ano e datas festivas.

A sala dispõe de uma grande variedade de materiais para a concretização das actividades previstas, maioritariamente do âmbito da Expressão Plástica e Físico-Motora. A disposição dos equipamentos e materiais obedece a uma lógica funcional.

SALA DE PSICOMOTRICIDADE

A aula de psicomotricidade decorre numa instituição próxima à Escola onde se localiza a UAEEAM.

A sessão de psicomotricidade é desenvolvida numa sala ampla e arejada. As aulas decorrem num ambiente tranquilo pelo pouco ruído que caracteriza o piso do edifício onde a sala se situa.

Uma das principais características do espaço da aula é a possibilidade de a mesma poder ser desenvolvida sob luz natural. Tal facto deve-se à existência de uma janela a toda a extensão de uma das paredes. O facto de a sala se situar num 1º andar reduz consideravelmente as possíveis situações de distração que uma janela de tais dimensões implicaria, se situada num rés-do-chão. A presença de uma cortina pode ser utilizada para eliminar

completamente esse factor. Duas das restantes paredes possuem espelhos gímnicos a todo o comprimento. Na quarta parede estão colocados espaldares, outro equipamento auxiliar à prática das aulas.

A sala encontra-se bem apetrechada de material específico de psicomotricidade, quer em relação à sua quantidade, quer em função da sua variedade.

SALA DE RELAXAMENTO (SNOEZELEN)

Esta sala situa-se no mesmo andar da sala de psicomotricidade e no mesmo corredor. É uma sala na qual se pretende criar um ambiente propício ao relaxamento e ao mesmo tempo à estimulação de todos os órgãos sensoriais dos alunos que a frequentam. Esta sala foi construída com o intuito de recriar três temas (três ambientes diferentes). Temos uma ala da sala em que através da divisão por cortinas se recria a noite (sala escura). Aí encontram-se alguns materiais como por exemplo um aquário com animais artificiais e iluminado por cores vivas, almofadas, material autocolante com o formato de estrelas e lua que se encontra colado no fundo negro da cortina e ainda uma bola giratória, com espelhos de cor diferente e que irradia luz. O chão é revestido a colchões de cor negra.

Numa outra divisão da sala temos ainda a «sala branca». Esta parte da sala é constituída por uma cama em pele branca com um colchão de água. A parede que fica no topo da cama sendo branca serve para projectar imagens de um retroprojector específico que se encontra do lado oposto à cabeceira da cama. Existem diversos temas que podem ser projectados, no entanto a associação só dispõem de um «disco» com um tema. Existe uma aparelhagem que se encontra dentro de um armário, que se encontra dissimulado de banco. Existem dois CD's com música de relaxamento que podem ser utilizados na aparelhagem. Uma particularidade desta aparelhagem é que a coluna que transmite o som se encontra dentro do colchão de água. Existem diversas almofadas espalhadas pelo espaço. Existe também pendurada no tecto uma bola espelhada. Nesta ala da sala encontramos também duas colunas de água

borbulhantes rodeadas de espelhos. Junto aos espelhos encontram-se vários fios de fibra óptica que vêm de cima dando a ilusão de uma queda de água. Entre a cama e a zona onde se encontram as colunas de água borbulhantes, o chão é revestido a colchões brancos. Esta é a zona da sala que está melhor apetrechada.

Por fim temos a «sala verde». Esta ala está bastante incompleta sendo constituída apenas por um cadeirão de massagens e uma cortina esburacada verde tropa. Tem também uma grande planta artificial que serve como decoração.

De referir também que existe uma caixa de arrumação de onde constam utensílios de estimulação sensorial que serão comuns à sala.

Esta sala não está sobre influência de luz natural, tendo apenas uma pequena janela mas que se encontra tapada.

PISCINA

Situada num dos espaços do 1º andar da instituição próxima à Escola onde se localiza a UAEEAM, a piscina tem duas paredes parcialmente vidradas e as outras normais, de cor branca, possuindo ainda amplos balneários, masculino e feminino.

O tanque em si tem aproximadamente 12 metros de comprimento por 8 metros de largura. O solo é em rampa, variando a profundidade de 20 a 125 centímetros.

A piscina encontra-se bem apetrechada de material específico de AMA.

4.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi realizado graças ao abrigo do protocolo celebrado entre a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e a Junta de Freguesia de Ramalde e terá a duração aproximada de um ano lectivo.

Numa primeira fase, correspondente aos meses de Setembro e Outubro, ocorreu a recolha de informações relativas ao espaço escolar que o aluno frequenta e os espaços onde se iria desenvolver o estudo. Relativamente às informações acerca do aluno em estudo estas só foram recolhidas no final do primeiro período (Dezembro) e início do 2º Período (Janeiro). Isto deveu-se ao facto de termos estado inicialmente a aplicar um programa de actividade física a um outro aluno que integrava a UAEEAM, mas pelo facto de esse aluno ter uma fraca assiduidade, por motivo de doença, optamos por substituir o nosso objecto de estudo.

Posto isto e de forma a conhecer devidamente as características do aluno, começou-se por analisar atentamente os documentos constantes do seu Dossier Individual. As conversas com os diferentes profissionais da UAEEAM que diariamente convivem com o aluno foram elas também benéficas essencialmente pelo seu carácter prático. Por fim procedeu-se à observação do aluno na sala de aula (piscina, sala de psicomotricidade e sala de *snoezelen*).

Para além do conhecimento a nível físico-motor, cognitivo e social, estas sessões iniciais tiveram como objectivo promover a relação de afectividade aluno-professor, desenvolvendo um sentimento de confiança e afectividade imprescindível para um trabalho desta natureza.

A fase seguinte correspondeu à aplicação do Programa de Actividade Física propriamente dito. Este programa teve início em Dezembro e terminou na primeira semana de Junho, sendo constituído por duas sessões semanais – uma em ginásio com a duração de 90 minutos e outra em piscina com a duração de 45 minutos. (O planeamento das aulas poderá ser consultado em documentos em anexo.)

Por fim procedemos ao tratamento dos dados recolhidos ao longo das sessões, realizando uma reflexão crítica de natureza qualitativa com o intuito de aferir a evolução do aluno ao longo do ano.

4.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE APLICAÇÃO

Neste trabalho, a elaboração e aplicação de um Programa de Actividade Física individualizado tem como objectivo principal o desenvolvimento global de um indivíduo com Multideficiência.

Uma das grandes dificuldades com que nos deparámos aquando do planeamento do nosso estudo foi precisamente a selecção de um instrumento de avaliação adequado às especificidades do processo de ensino-aprendizagem em causa, nomeadamente às características particulares do indivíduo.

Depois de falarmos com alguns profissionais da área da Reabilitação e termos consultado a literatura disponível sobre a temática, apercebemo-nos que não iria ser fácil, encontrar uma Bateria de Testes que se adequasse perfeitamente à complexidade do diagnóstico do aluno e das condições disponíveis.

Desta forma, decidimos adoptar a técnica de Observação Directa e Sistemática, através de Registo de Acontecimentos, a qual complementámos com a técnica de Incidentes Críticos (anotações de acções significativas nas situações concretas onde elas se desenrolaram).

Os registos dos incidentes devem ser descrições detalhadas e precisas de um comportamento específico e da situação concreta que lhes deu origem, não contendo, implícita ou explicitamente, qualquer opinião ou juízo do seu autor. O somatório destas observações irá permitir-nos aferir quanto à evolução ou não, do aluno, durante todo este plano de actividades.

Para cada aula foi realizado um relatório de observação, tendo em conta os três domínios perspectivados (motor, cognitivo e social).

Para servir de complemento às técnicas anteriormente referidas e no âmbito da AMA, foi seleccionado o seguinte instrumento de avaliação devidamente adaptado à realidade do processo de ensino-aprendizagem em causa:

Documento normativo de Avaliação da Adaptação ao Meio Aquático das aulas de Prática Pedagógica da disciplina de Didáctica do Desporto I -Natação, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (2005).

CAPÍTULO V – Apresentação e Discussão dos Resultados

V. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo estão apresentados e discutidos os resultados da avaliação inicial e Final segundo uma estrutura tripartida da seguinte forma:

– domínio motor, cognitivo e sócio-afectivo.

A análise dos resultados foi realizada tendo por base os registos que foram efectuados ao longo da aplicação deste programa de intervenção, nomeadamente através da comparação dos dados recolhidos nas observações inicial e final.

5.1 DOMÍNIO MOTOR

A nível motor, este programa teve como objectivo o desenvolvimento da Adaptação ao Meio Aquático e Coordenação dinâmica geral.

Os resultados obtidos estão expressos nos quadros que se seguem, com a respectiva reflexão crítica.

Quadro 4 – Apresentação dos resultados finais no que concerne à Adaptação ao Meio Aquático.

ADAPTAÇÃO AO MEIO AQUÁTICO	
Observação/Comportamento Inicial	Observação/Comportamento Final
<ul style="list-style-type: none"> – Entra na água acompanhado de um adulto e imerge o corpo até a cintura. – Desloca-se acompanhado pelo professor de forma pouco confiante. – Não imerge a face. – Salta para a água a partir do bordo da piscina, partindo da posição de sentado. – Não passa da posição vertical para a posição horizontal ventral ou dorsal e recusa fazê-lo por manipulação. – Realiza batimentos alternados dos membros inferiores em posição ventral ou dorsal por manipulação e num curto espaço de tempo e com uma pernada funda em posição ventral e com movimento de pedalagem em posição dorsal. – O aluno não se desloca de forma autónoma na zona profunda da piscina. 	<ul style="list-style-type: none"> – Entra na água acompanhado de um adulto e imerge o corpo até ao nível dos ombros. – Desloca-se autonomamente, de forma confiante. – Imerge a face com olhos abertos, mas não expira. – Salta para a água a partir do bordo da piscina, partindo da posição de pé. – Passa para a posição horizontal ventral e dorsal através de manipulação, no entanto mantém o corpo desalinhado. Retoma a posição vertical saindo da posição horizontal ventral com alguma dificuldade e da posição horizontal dorsal com bastante dificuldade. – Realiza batimentos alternados dos MI em posição ventral ou dorsal por manipulação, durante um período de tempo mais alargado. Realiza mantendo a mesma técnica inicial. – O aluno desloca-se de forma autónoma na zona profunda da piscina.

Quadro 5 – Apresentação dos resultados finais no que concerne à Coordenação Motora.

COORDENAÇÃO MOTORA	
Observação/Comportamento Inicial	Observação/Comportamento Final
<ul style="list-style-type: none"> – O seu padrão de marcha é descoordenado, de ritmo lento e com tendência a arrastar os pés. – A correr o aluno tem sérias dificuldades em mover-se com passos rápidos, de modo a que os dois pés possam estar no ar ao mesmo tempo. O movimento dos MS é descoordenado. – Salta a pés juntos, no solo, com ajuda e com alguma dificuldade – Realiza saltos a pés juntos no mini-trampolim com ajuda; – Realiza exercício de equilíbrio estático em cima de uma plataforma móvel, com muita dificuldade, não se aguentando mais do que 3 segundos em pé. – Realiza lançamentos com o membro superior dominante em direcção a um alvo (situado a 1,5m) de forma descontrolada e sem pontaria. – Realiza um percurso de obstáculos onde tem de contornar, passar por cima e rastejar com bastante dificuldade e lentidão. 	<ul style="list-style-type: none"> – Melhor coordenação no movimento (costas mais direitas), o ritmo mantém-se igualmente lento e tende a arrastar menos os pés. – Corrida notoriamente mais coordenada. – Realiza saltos a pés juntos no solo e sem ajuda. – Realiza saltos a pés juntos sem ajuda no mini-trampolim – Desisti da abordagem deste conteúdo pelo facto de o aluno se recusar consecutivamente na sua realização. – Realiza lançamentos com o membro superior dominante em direcção a um alvo de forma mais controlada, com pontaria mais certa. – Realiza esse mesmo percurso com maior destreza e rapidez apresentando uma melhor postura.

<ul style="list-style-type: none"> – Realiza passes com os MI de forma descontrolada e não-direccionada, utilizando exclusivamente a parte frontal do pé. – Sobe escadas de forma coordenada, com apoio, embora apresente muita lentidão nos movimentos. – Desce escadas de forma descoordenada (não efectua a alternância sucessiva de MI). 	<ul style="list-style-type: none"> – Realiza passes de forma mais controlada. Esboça a tentativa de passar com a parte interna do pé. – Sobe escadas de forma coordenada, com apoio, e continua a apresentar lentidão nos movimentos. – Nem sempre realiza a descida de escadas com alternância dos MI. Fâ-lo apenas se lhe indicarmos para fazer e se estivermos próximos do aluno. Tem a percepção da forma correcta de realizar o exercício, contudo por birra ou preguiça insiste em fazê-lo à sua maneira.
---	--

No âmbito da AMA, sendo esta a segunda experiência do aluno no meio aquático, estas aulas vieram essencialmente reforçar e consolidar aprendizagens do ano anterior. Atendendo às características do aluno, julgamos que em dois anos, o aluno conseguiu uma adaptação muito boa a este novo meio, graças ao bom trabalho que terá sido desenvolvido no ano anterior e à continuação desse trabalho durante este ano.

Quanto à CM, este estudo vem complementar o trabalho desenvolvido na UAEEAM, que o aluno frequenta, consolidando e aprofundando as aprendizagens que vem tendo nesta unidade. Nota-se também já, alguma evolução neste âmbito, se atendermos aos resultados obtidos nos quadros acima referidos.

5.2 DOMÍNIO COGNITIVO

No domínio cognitivo, constatou-se que uma das principais características iniciais do aluno se relacionava com a sua incapacidade em permanecer

concentrado em qualquer tarefa durante o tempo suficiente para a realização da mesma, facto esse que entretanto foi melhorando, verificando-se que o tempo de concentração em tarefas é mais alargado do que o que era inicialmente. Contudo esta situação varia agora de tarefa para tarefa.

5.3 DOMÍNIO SÓCIO-AFECTIVO

Tal como descrito na caracterização inicial, este aluno procurava interagir com os seus pares e professores embora nem sempre da maneira mais correcta, sendo frequentes as agressões ou tentativas de agressão aos seus colegas ou mesmo professores.

Ao longo das aulas estas situações foram alvo de uma atenção especial, e no sentido de fazer diminuir ou parar estes ímpetos do aluno, foram adoptadas medidas disciplinares específicas que tiveram efeito, logo desde a primeira aula.

O que é certo é que com o decorrer das aulas esses comportamentos foram diminuindo e curiosamente foram aumentando o número de interacções positivas com os seus pares e adultos como por exemplo: abraços, beijos na face, etc.

CAPÍTULO VI – Conclusões e Considerações Finais

VI. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objectivo deste estudo prendeu-se com a promoção do desenvolvimento global de um indivíduo com Multideficiência através da aplicação de um programa de Actividade Física específico, visando em simultâneo o aprofundamento do nosso conhecimento nesta área.

De uma forma geral, consideramos que os resultados obtidos apontam para a eficácia do Programa de Actividade Física por nós elaborado.

Dos três domínios trabalhados aquele em que ocorreu um maior número de resultados foi no domínio motor, devido à ênfase dada a essa mesma componente ao longo de todo o estudo.

Por outro lado, no domínio cognitivo e apesar do aluno no final deste estudo evidenciar um aumento relativo no tempo em que se encontra concentrado a executar um exercício, constatamos que esta situação varia de tarefa para tarefa.

No domínio sócio-afectivo o aluno ao longo do estudo evidenciou uma inconstância comportamental, sendo frequentes as agressões ou tentativas de agressão aos seus colegas ou mesmo professores. Pensamos que a dificuldade patenteada na compreensão por parte do aluno do comportamento correcto a adoptar para com os que o rodeiam deve-se, eventualmente, a uma falta de uniformização de comportamentos nos diferentes meios em que o aluno se insere.

Com o decorrer do tempo pudemos verificar que a adopção de medidas disciplinares específicas permitiram que esses comportamentos fossem diminuindo significativamente, aumentando por outro lado o número de interacções positivas com os seus pares e adultos como por exemplo: abraços, beijos na face, etc.

Assim sendo, julgamos ser importante a necessidade de existência de uma maior cooperação entre os diferentes agentes educativos responsáveis pelo processo de formação do aluno.

Tratando-se da segunda experiência do aluno num trabalho deste género e tendo em conta a evolução registada, podemos concluir que indivíduos com Multideficiência sujeitos a um programa individualizado com cariz de continuidade, poderão ter grandes possibilidades de aprender.

Assim sendo pensamos ser fundamental que o sujeito deste estudo venha a curto prazo, beneficiar de um novo acompanhamento, no sentido de dar seguimento e de permitir a consolidação das aprendizagens alcançadas e, se possível, evoluir para novas aprendizagens.

Estamos convictos da necessidade de haver uma coerência no trabalho desenvolvido pelos diferentes agentes educativos e que este não seja um trabalho apenas dos profissionais da educação, mas também um trabalho de ser seguido em casa, de preferência com a mesma periodicidade diária.

Sublinhando a importância do protocolo, existente entre a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e a Junta de Freguesia de Ramalde, pensamos ser inegável a necessidade de alargamento deste vínculo a outras instituições. Para que isso suceda, será decerto necessário somar a vontade política à vontade de cooperação entre os diferentes agentes institucionais para que se crie efectivamente uma rede abrangente e articulada de atendimento à Multideficiência. Esta deverá constituir no nosso entender um desígnio educativo prioritário, indo de encontro à «Missão da Universidade» e aos princípios consagrados na nossa Constituição.

CAPÍTULO VII – Referências Bibliográficas

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

American Association on Mental Retardation (2002). *Frequently Asked Questions on Intellectual Disability and the AAIDD Definition*. [Em linha], [Consult. Outubro 2007]. Disponível em WWW: <URL: http://www.aamr.org/Policias/faq_mental_retardation.shtml>.

Bautista Pacheco, D. e Paradas Valência, R. (1997). *A Deficiência Mental*, Lisboa: Dinalivro.

Bernstein, N.A. (1967). *The co-ordination and regulation of movements*. Oxford: Pergamon Press.

Campaniço, J. (1989). *A Escola de Natação – 1ª Fase Aprendizagem*. Lisboa: Edição Ministério da Educação – Desporto e Sociedade.

Carretero, M. e Madruga, J. (1984). *Principales Contribuciones de Vygotsky y la Psicología Evolutiva Sovietica*. In A. Marchesi, M. Carretero e J. Palacios (eds.). *Psicología evolutiva – 1. Teorias y Metodos*, Madrid: Alianza Editorial. Cap. 6.

Carvalho, C. (1994). *Natação – Contributo para o Sucesso do Ensino – Aprendizagem*. Edição do Autor.

Chen, D. e Dote-Kwan, J. (1995). *Starting Points: Instructional practices for young children whos multiple disabilities include visual impairment*. Blind Children Center. Los Angeles. California

Costa, C. e Paiva, V. (2006). *Epilepsia*. Escola Superior de Tecnologias da Saúde do Porto. [Em linha], [Consult. Novembro 2007]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.estsp.pt/~ne10308162/epilepsia/index.htm>>.

- Dravet, C. (2003). *Dravet's Syndrome – Severe Myoclonic Epilepsy in Infancy*. [Em linha], [Consult. Setembro 2007]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.ilae-epilepsy.org/ctf/dravet.html>>.
- Fleischman, E. (1954). *Dimensional Analysis of Psicomotor Abilities*. Journal of Experimental Psychology, XLVIII. Pp. 437-454.
- Gomes, M. (1996). *Coordenação Motora, Aptidão Física e Variáveis do Envolvimento: Estudo em Crianças do 1º Ciclo de Ensino de Duas Freguesias do Concelho de Matosinhos*. Dissertação apresentada às provas de Doutoramento no ramo de Ciências do Desporto, especialidade de Pedagogia do Desporto. Porto: FCDEF-UP.
- Guilhoto, L. M. F. F., Felgueira, R. M., Lioi, M. A. C. e Lioi, M. I. A. (2005). *Crise epiléptica febril*. *Pediatria*, 27(2), 103-113.
- Hallahan, D. P. & Kauffman, J. M. (1977). *Labels, categories, behaviors: E.D., L.D., and E.M.R. reconsidered*. *The Journal of Special Education*, 11, 139-149.
- Hirtz, P. (1986). *Rendimento Desportivo e Capacidades Coordenativas*. *Revista Horizonte*, 3(13), 25-28.
- Kiphard, E. J. e Schilling, V. F. (1974). *Körper-koodinations-test für kinder ktk: manual Von Fridhelm Schilling*. Weinhein: Beltz Test.
- Kiphard, E. J. e Schilling, V. F. (1976). *The Body Coordination Test (BCT)*. *JOPER, Journal of Physical Education and Recreation*, April. Pp.37.
- Kirk, S. e Gallagher, J. (2000). *Educação da Criança Excepcional*. São Paulo: Martins Fontes.

- Liberalesso, P. (2005). *Aspectos gerais do diagnóstico e tratamento das epilepsias na infância e adolescência*. [Em linha], [Consult. Setembro 2007]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.neuropediatria.org.br>>.
- Liga Portuguesa Contra a Epilepsia (2007). *A Epilepsia*. [Em linha], [Consult. Setembro 2007]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.lpce.pt/>>.
- Lopes, V. P., Maia, J. A. R., Silva, R. G., Seabra, A. e Morais, F. P. (2003). *Estudo do nível de desenvolvimento da coordenação motora da população escolar (6 a 10 anos de idade) da Região Autónoma dos Açores*. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 3 (1), 47-60.
- Luckasson, R et al. (1992). *Mental Retardion: definition, classification and systems of supports*. Washington, American Association of Mental Retardation.
- Maia, J. A. R. & Lopes, V. P. (2002). *Estudo do crescimento somático, aptidão física, actividade física e capacidade de coordenação corporal de crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico da Região Autónoma dos Açores*. Porto: FCDEF-UP e Direcção Regional de Educação Física e Desporto da Região Autónoma dos Açores.
- Martins, S. (2005). *Contributo de um Programa de Expressão Educação Físico Motora no Desenvolvimento Global de Indivíduos com Multideficiência. Estudo de caso de um aluno com Deficiência Mental, Paralisia Cerebral e Epilepsia*. Porto: S. Martins. Monografia apresentada, no âmbito da disciplina de Seminário da opção de Desporto de Reeducação e Reabilitação, à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física na Universidade do Porto.
- Meinel, K. e Schnabel, G. (1987). *Teoria del Movimento: Motricidade Desportiva*. Buenos Aires. Editora Stadium S.R.L.

- Newell, K. (1985). *Motor Developmental. Current Selected Research*, Vol. I. In: J. Clark; J. Humphrey, *Motor Skill Acquisition and Mental Retardation: Overview of traditional and current orientation*. New Jersey: Princeton Book Company Publs..
- Nunes, C. (2001). *Aprendizagem Activa na Criança com Multideficiência – Guia para Educadores*. Ministério da Educação. Núcleo de Orientação Educativa e Educação Especial. Lisboa.
- Orelove, F. P. e Sobsey, D. R. N. (2000). *Educating Children with Multiple Disabilities: a Transdisciplinary Approach*. 3ª Edition. Baltimore: Paul Brookes Publishing Co., Inc..
- Organização das Nações Unidas (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. [Em linha], [Consult. Setembro 2007]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.unhchr.ch/udhr/>>.
- Raposo, A. (1981). *O Ensino da Natação*, Lisboa: Edições I.S.E.F. – U.T.L..
- Riviére, A. (1988). *La psicologia de Vygotsky*. 3ª Edição. Madrid: Visor.
- Smith, E., Pollaway, E. A., Patton, J., & Dowd (1995). *Teaching students with special needs in inclusive settings*, Boston: Allyn and Bacon. C. A.
- Vasconcelos, O. (1991). *Contributo metodológico para o ensino e exercitação das capacidades coordenativas em crianças do primeiro ciclo do ensino básico. Sugestão de alguns exercícios*. Provas de Aptidão Pedagógica. Porto: FCDEF-UP.
- Vieira, P., Pereira, M., Masteling, A., Castro, F., Trindade, O., Breda, R., Rodrigues, M., e Genep, A., (1996). *“Se houvesse quem me ensinara...”: A Educação de Pessoas com Deficiência Mental*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

Universidade do Porto (s.d.). *Missão e Natureza*. [Em linha], [Consult. Outubro 2007]. Disponível em WWW: <URL:http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?P_pagina=18374>.

ANEXO A
DOCUMENTO DE AVALIAÇÃO DA ADAPTAÇÃO AO MEIO AQUÁTICO

1. Entrada na água.

0. Não entra na água.	
1. Imerge apenas os pés.	
2. Imerge o corpo até à cintura.	
3. Imerge o corpo até ao nível dos ombros.	

2. Equilíbrio vertical.

0. Não se desloca.	
1. Desloca-se, acompanhado pelo professor, de forma pouco confiante.	
2. Desloca-se, acompanhado pelo professor, de forma confiante.	
3. Desloca-se autonomamente, de forma confiante.	

3. Adaptação da face

0. Não imerge a face.	
1. Imerge a face sem abrir os olhos e sem expirar.	
2. Imerge a face e, ou expira, ou abre os olhos.	
3. Imerge a face, abre os olhos e expira durante mais de 3 segundos.	

4. Salto de pé.

0. Não salta para a água.	
1. Salta para a água a partir do bordo da piscina, partindo da posição sentado.	
2. Salta para a água a partir do bordo da piscina, partindo da posição de «cócoras».	
3. Salta para a água a partir do bordo da piscina, partindo da posição de pé.	

5. Equilíbrio horizontal ventral.

0. Não passa da posição vertical para a posição ventral.	
1. Passa, apoiado no bordo, da posição vertical para uma posição horizontal ventral inclinada ou desalinhada e retoma a vertical.	
2. Passa, apoiado no bordo, da posição vertical para uma posição horizontal ventral com o corpo alinhado e retoma a vertical.	
3. Passa, autonomamente, da posição vertical para a posição horizontal ventral, definindo esta posição por mais de 3 segundos.	

6. Equilíbrio horizontal dorsal.

0. Não passa da posição vertical para a posição dorsal.	
1. Passa, apoiado no bordo, da posição vertical para uma posição horizontal dorsal inclinada ou desalinhada e retoma a vertical.	
2. Passa, apoiado no bordo, da posição vertical para uma posição horizontal dorsal com o corpo alinhado e retoma a vertical.	
3. Passa, autonomamente, da posição vertical para a posição horizontal dorsal, definindo esta posição por mais de 3 segundos.	

7. Batimento alternado dos membros inferiores em posição ventral.

0. Não realiza acção de MI.	
1. Realiza movimento de pedalagem.	
2. Realiza pernada profunda ou flecte excessivamente os joelhos.	
3. Realiza pernada com MI em extensão.	

8. Batimento alternado dos membros inferiores em posição dorsal.

0. Não realiza acção de MI.	
1. Realiza movimento de pedalagem.	
2. Realiza pernada profunda ou flecte excessivamente os joelhos.	
3. Realiza pernada com MI em extensão.	


9. Deslocamento autónomo.

0. Não se desloca de forma autónoma.	
1. Desloca-se agarrado ao bordo.	
2. Realiza pequenos deslocamentos, de 1 a 5 metros, afastando-se perto do bordo.	
3. Desloca-se de forma autónoma.	

ANEXO B
PLANOS DE AULA E RELATÓRIOS

Aula nº 1


Espaço: Salas de psicomotricidade e de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Mini trampolim, colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, plataforma móvel, espaldares	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar de forma diagnóstica o aluno, essencialmente na sua vertente motora; • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
<ul style="list-style-type: none"> • Activação Geral • Desenvolvimento da coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de corrida. 	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno realiza corrida à volta do espaço, evitando alguns objectos que propositadamente foram colocados distribuídos pela sala; - O aluno corre de mão dada com o professor mas sempre que possível corre sozinho; - A correcção da sua postura é efectuada por manipulação acompanhada de <i>feedbacks</i> verbais. 	5'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Avaliar a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno tem 5 tentativas e irá lançar com a mão preferida.	8'
<u>Ex.2:</u> Avaliar a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar e seguida com a parte interna do pé.	8'
<u>Ex.3:</u> Avaliar a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.3:</u> O aluno irá realizar 3 saltos consecutivos a «pés juntos» sobre 3 arcos colocados em linha no solo.	8'
<u>Ex.4:</u> Avaliar a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no mini-trampolim.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar o maior numero de saltos consecutivos a «pés juntos» no mini-trampolim com ou sem ajuda.	8'
<u>Ex.5:</u> Avaliar o equilíbrio estático.	<u>Ex.5:</u> O aluno irá realizar equilíbrio estático numa plataforma móvel, tentando manter-se o mais tempo possível em pé com o menor número de oscilações. Nota: Em todos os exercícios a correcção da postura do aluno é efectuada por manipulação e/ou demonstração, acompanhada de <i>feedbacks</i> verbais.	8'
Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen» - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	30'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<p>Ex.1: Realiza lançamentos com o membro superior dominante em direcção a um alvo (situado a 1,5m) de forma descontrolada e sem pontaria.</p> <p>Ex.2: Realiza passes com os MI de forma descontrolada e não-direccionada, utilizando exclusivamente a parte frontal do pé.</p> <p>Ex.3: No salto a pés juntos no solo o aluno necessita de ajuda e mesmo assim nem sempre toca o solo com os dois pés em simultâneo. Recusa-se a realizar o exercício e só a muito custo foi possível fazer com que saltasse.</p> <p>Ex.4: Realizou saltos a pés juntos no mini-trampolim mas com ajuda e durante um curto período de tempo.</p> <p>Ex.5: Realiza exercício de equilíbrio estático em cima de uma plataforma móvel, com muita dificuldade, não se aguentando mais do que 3 segundos em pé. Senta-se propositadamente no sentido da não realização do exercício.</p>
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none">• Tempo de concentração na tarefa é muito diminuto, sendo constantes as distrações pela presença de outros elementos (pares e adultos).
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none">• Tentativas de agressão a pares são frequentes.

Aula nº 2


Espaço: Piscina.	Duração: 45 minutos
Material: Esparguete, bóias.	
Objectivos Gerais: <ul style="list-style-type: none"> • Avaliar de forma diagnóstica o aluno nos conteúdos da AMA • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	• Depois de entrar na piscina acompanhado pelo professor o aluno irá sentar-se no bordo da mesma e irá realizar batimento alternado dos MI. O professor estará colocado de frente para o aluno e o objectivo será molhar o mais possível o professor.	5'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Avaliar a forma de deslocamento no meio aquático.	<u>Ex.1:</u> O aluno irá percorrer em marcha a piscina acompanhado do professor. Os deslocamentos efectuar-se-ão, gradualmente, em zonas mais profundas. Serão utilizados objectos lúdicos de forma a proporcionar um maior prazer na realização do exercício e também de forma a abstrai-lo da subida gradual da água.	6'
<u>Ex.2:</u> Avaliar a adaptação da face ao meio aquático.	<u>Ex.2:</u> À medida que o aluno se desloca o professor irá lançar água à cara do aluno; Posteriormente irá através de manipulação e/ou demonstração fazer com que o aluno coloque a cara dentro de água. Para isso é colocado um objecto lúdico no fundo da piscina para que o aluno o tente visualizar.	6'
<u>Ex.3:</u> Avaliar o salto de pé.	<u>Ex.3:</u> O aluno será colocado em pé no bordo da piscina e irá ser incitado a saltar. O professor coloca-se junto do aluno assegurando-se que este adopta a posição de segurança antes do salto e que ao saltar não bate com nenhuma parte do corpo no bordo.	6'
<u>Ex.4:</u> Avaliar a passagem de equilíbrio vertical, para equilíbrio horizontal dorsal e ventral e voltar a posição inicial.	<u>Ex. 4:</u> Através de demonstração e <i>feedbacks</i> verbais o aluno irá realizar junto do bordo a passagem de equilíbrio vertical para horizontal, ventral e dorsal, voltando à posição inicial.	6'
<u>Ex.5:</u> Avaliar batimento alternado dos MI em posição ventral e dorsal.	<u>Ex.5:</u> O aluno agarrado ao bordo irá realizar batimento de MI em posição ventral e dorsal.	6'
<u>Ex.6:</u> Avaliar deslocamento autónomo (sem contacto dos MI com o solo).	<u>Ex.6:</u> O aluno será colocado na parte funda da piscina e tentará deslocar-se nesse local com o auxílio de um esparguete. Se o conseguir será retirado o esparguete.	6'
Parte Final		
• Retorno a calma	- O aluno junto com os restantes pares, irá realizar um círculo e com uma bola irão jogar entre si.	4'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<p>Ex.1: O aluno entra na água acompanhado do professor e imerge o corpo até a cintura. Recusa avançar até a zona mais profunda. Desloca-se junto do professor de forma pouco confiante.</p> <p>Ex.2: O aluno não imerge a face.</p> <p>Ex.3: O aluno quando colocado no bordo da piscina, em pé, recusa-se a realizar salto para a água. Colocando-o sentado, estando o professor na água de frente para o aluno, este deixa-se cair para a frente.</p> <p>Ex.4: O aluno não passa da posição vertical, para a posição horizontal ventral ou dorsal e retorna a posição inicial. Recusa-se a realizar este exercício, parecendo não compreender, ou pelo simples facto de não estar para aí virado.</p> <p>Ex.5: O aluno realiza batimentos alternados dos membros inferiores em posição ventral ou dorsal por manipulação e durante um curto espaço de tempo. Realiza com uma pernada funda em posição ventral e com movimento de pedalagem em posição dorsal. Só foi possível que o aluno realizasse estes movimentos através de manipulação e mesmo assim contra a sua vontade.</p> <p>Ex.6: O aluno não se desloca na zona profunda da piscina.</p>
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none">• Tempo de concentração na tarefa é muito diminuto, sendo constantes as distrações pela presença de outros elementos (pares e adultos).
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none">• Tentativas de agressão a pares são frequentes.

Aula nº 3

Espaço: Salas de psicomotricidade e de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Mini trampolim, colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, plataforma móvel, espaldares, pára-quedas.	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a coordenação dinâmica geral; • Avaliar de forma diagnóstica o aluno, essencialmente na sua vertente motora; • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	


Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
<ul style="list-style-type: none"> • Activação Geral • Desenvolvimento da coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha. 	<p>• Juntamente com os seus pares e professores o aluno irá realizar o jogo do «pára-quedas». Este jogo consiste no seguinte: Cada aluno e professores irão segurar um em cada ponta de um pára-quedas colorido. Inicialmente os alunos marcham, fazendo rodar o pára-quedas. Ao sinal do professor, todos levantam o pára-quedas e esperam que ele volte a baixar continuando a marcha.</p> <p>Variantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Colocam-se objectos no centro por baixo do pára-quedas e quando este é levantado é mencionado o nome de um aluno que terá de largar o pára-quedas e correr a ir recuperar esse objecto. - Coloca-se uma bola em cima do pára-quedas e o objectivo é mantê-la em cima do mesmo fazendo com que rode sobre ele. 	10'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Avaliar a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza marcha por um percurso previamente delimitado de obstáculos e o professor avalia o seu desempenho.	8'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno realiza o maior número de tentativas possível.	8'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.3:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar de seguida com a parte interna do pé.	8'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar no máximo 5 saltos consecutivos a «pés juntos» sobre 5 arcos colocados em linha no solo.	8'
<u>Ex.5:</u> Desenvolver o equilíbrio estático.	<u>Ex.5:</u> O aluno irá realizar equilíbrio estático numa plataforma móvel, tentando manter-se o mais tempo possível em pé com o menor número de oscilações.	8'

Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen» - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	25'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<p>Ex.1: O seu padrão de marcha é descoordenado, de ritmo lento e com tendência a arrastar os pés.</p> <p>Ex.2: Realiza uma boa prensão da bola contudo não direcciona da melhor forma o seu lançamento, não acertando uma única vez no alvo, tendo andado muito longe do objectivo.</p> <p>Ex.3: O aluno demonstrou muito pouco interesse na execução deste exercício teimando em não o realizar. Tive me colocar junto do aluno, coloquei um cone a servir de alvo indicando que este teria de rematar a bola de encontro ao cone, desvirtuando desta forma a essência do exercício. O aluno acabou por realizar o exercício a muito custo.</p> <p>Ex.4: Com a ajuda do professor o aluno realizou 4 saltos consecutivos na primeira tentativa. Voltou a tentar e já só realizou 2. O aluno cansa-se muito depressa e desinteressa-se rapidamente pela actividade. Nem o trautear das músicas que ele gosta faz com que o mesmo se empenhe no exercício.</p> <p>Ex.5: O aluno não realizou o exercício de equilíbrio. Nesta altura o aluno já se encontrava bastante cansado e patenteando isso estava o facto de se sentar no solo constantemente sempre que lhe era pedido algo.</p>
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo de concentração na tarefa é muito diminuto, sendo constantes as distrações pela presença de outros elementos (pares e adultos).
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Tentativas de agressão a pares são bastante frequentes.

Aula nº 4


Espaço: Piscina.	Duração: 45 minutos
Material: Esparguete, bóias, bolas, bola de <i>ping-pong</i> .	
Objectivos Gerais: <ul style="list-style-type: none"> • Adaptação ao Meio Aquático. • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor. • Desenvolvimento da Coordenação Dinâmica Geral. 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
<ul style="list-style-type: none"> • Activação Geral • Realização de marcha, com imersão do corpo até ao nível dos ombros. 	- Entrada na piscina de forma gradual. Diversos objectos lúdicos estarão espalhados pela mesma e o aluno terá de recuperar todos eles ao sinal do professor. - O professor coloca-se de frente para o aluno com este sentado no bordo da piscina. É-lhe pedido que efectue batimento de MI no sentido de molhar o mais possível o professor.	7'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolver a forma de deslocamento no meio aquático.	<u>Ex.1:</u> O aluno irá percorrer em marcha a piscina acompanhado do professor. O professor irá obrigar o aluno a deslocar-se em mais do que um sentido – para a frente, retaguarda e lateralmente. Os deslocamentos efectuar-se-ão, gradualmente, em zonas mais profundas. Serão utilizados objectos lúdicos de forma a proporcionar um maior prazer na realização do exercício e também de forma a abstrai-lo da subida gradual da água.	8'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a adaptação da face ao meio aquático.	<u>Ex.2:</u> O aluno terá de soprar uma bola de <i>ping-pong</i> que se encontra à deriva até chegar a margem. Será colocado um objecto lúdico no fundo da piscina para que o aluno coloque a face dentro de água para ver o objecto. O professor certifica-se que este abre os olhos dentro de água e se realiza a expiração.	8'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver o salto de pé.	<u>Ex.3:</u> O aluno será colocado em pé no bordo da piscina e irá ser incitado a saltar. O professor coloca-se junto do aluno assegurando-se que este adopta a posição de segurança antes do salto e que ao saltar não bate com nenhuma parte do corpo no bordo.	8'
<u>Ex.4:</u> Desenvolvimento da coordenação óculo-manual.	<u>Ex.4:</u> Todos os alunos irão formar um círculo e irão realizar passe e recepção da bola. O professor diz a quem é que o aluno deve passar.	8'
Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Retorno a calma • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares. 	- O aluno brinca com o professor e seus pares.	6'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<p>Ex.1: O aluno entra na água acompanhado do professor e imerge o corpo até a cintura. Com a ajuda de um flutuador consegui que o aluno fosse para a zona de maior profundidade. Desloca-se junto do professor com um pouco mais de confiança mas no entanto não compreende o deslocamento lateral nem à retaguarda.</p> <p>Ex.2: O aluno não imerge a face. Ao soprar a bola de <i>ping-pong</i> fá-lo de forma a não colocar a boca na água.</p> <p>Ex.3: O aluno efectuou salto de pé. É muito provável que já o tivesse feito no entanto na aula de avaliação diagnóstico recusou-se a fazê-lo. Vamos esperar para ver o que faz nas aulas seguintes.</p> <p>Ex.4: O aluno realiza lançamento direccionando a bola para o colega respectivo mas fá-lo com pouca força e precisão.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O aluno brinca com o professor e aceita bem essas brincadeiras. O professor pega no aluno e deixa-o cair na água fazendo-o mergulhar e de imediato pega no aluno. Este atrapalha-se bastante devido ao facto de não realizar a expiração e por esse motivo bebe um pouco de água.
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo de concentração na tarefa é muito diminuto, sendo constantes as distrações pela presença de outros elementos (pares e adultos).
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Tentativas de agressão a pares são frequentes no entanto logo de imediato pede desculpa ao colega pelo que fez.

Aula nº 5


Espaço: Salas de psicomotricidade e de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Mini trampolim, colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, plataforma móvel, espaldares.	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a coordenação dinâmica geral; • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
<ul style="list-style-type: none"> • Activação Geral • Desenvolvimento da coordenação e correcta postura corporal específicas dos padrões motores de marcha e corrida. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em grupo, os alunos realizam marcha mantendo uma postura corporal correcta. - De seguida realizam o mesmo exercício mas em corrida de mãos dadas com o professor se necessário for. - A correcção da postura é efectuada por manipulação acompanhada de <i>feedbacks</i> verbais 	8'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolver a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza marcha por um percurso delimitado por obstáculos e o professor avalia o seu desempenho.	7'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno realiza o maior número de tentativas possível.	7'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no mini-trampolim.	<u>Ex.3:</u> O aluno realiza salto a pés juntos no mini-trampolim com ou sem o auxílio do professor.	7'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar no máximo 5 saltos consecutivos a «pés juntos» sobre 5 arcos colocados em linha no solo.	7'
<u>Ex.5:</u> Desenvolver o equilíbrio estático.	<u>Ex.5:</u> O aluno irá realizar equilíbrio estático numa plataforma móvel, tentando manter-se o mais tempo possível em pé com o menor número de oscilações.	7'
<u>Ex.6:</u> Desenvolvimento da coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.6:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar de seguida com a parte interna do pé.	7'
Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen» - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	25'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<p>Ex.1: O aluno mostrou mais energia ao realizar este exercício. Quando lhe é pedido que endireite as costas este já parece perceber o que deve fazer pelo facto de parar o que esta a fazer dando a ideia que se quer colocar na posição correcta. No entanto logo de seguida curva o tronco a frente e continua a marcha.</p> <p>Ex.2: O aluno estava irritado quando foi executar este exercício. O professor deu ordem para que fosse buscar o balde com as bolas e este não atendeu ao pedido. Quando foi o professor buscar o balde, o aluno pega no balde e volta a coloca-lo no seu local. O professor volta a ir buscar o balde e o aluno furioso começa a atirar as bolas sem direcção com toda a força. O professor pediu que este fosse recolher as bolas e este fê-lo voltando a coloca-las no lugar. Optei por não realizar este exercício.</p> <p>Ex.3: O aluno realizou saltos consecutivos a pés juntos no mini-trampolim com a ajuda do professor. Cansa-se muito depressa.</p> <p>Ex.4: Com a ajuda do professor o aluno realizou dois saltos a pés juntos na horizontal. Quando voltamos a tentar o aluno apenas esboçou um salto caindo com os MI alternados e de seguida deixou-se cair no chão será um sinal de que não quer continuar ou está cansado. Não me posso esquecer da sua fraca resistência física.</p> <p>Ex.5: O aluno conseguiu manter-se em pé pelo menos dois segundos enquanto o professor oscilava a plataforma. Foi uma grande evolução pois na última aula o aluno tinha-se recusado a realizar este exercício.</p> <p>Ex.6: O aluno esteve aproximadamente, 1 minuto consecutivo onde realizou passes com o MI na direcção do professor. Ao passar a bola ao aluno este não consegue recepcioná-la e como tal o professor teve sempre de colocar a bola parada ao alcance do aluno. Mas neste exercício o aluno mostrou alguma evolução.</p>
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo de concentração na tarefa é muito diminuto, sendo constantes as distrações pela presença de outros elementos (pares e adultos).
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • As tentativas de agressão a pares diminuíram. Nesta aula penso mesmo que não terá havido qualquer tentativa, embora houvesse uma altura em que aluno se agarrou a um outro onde não se chegou a perceber se era uma tentativa de agressão, se seria uma demonstração de carinho. Vindo deste aluno não se sabe pois ele é muito matreiro.

Aula nº 6


Espaço: Piscina.	Duração: 45 minutos
Material: Esparguete, bóias, bolas, bola de <i>ping-pong</i> .	
Objectivos Gerais: <ul style="list-style-type: none"> • Adaptação ao Meio Aquático. • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor. • Desenvolvimento da Coordenação Dinâmica Geral. 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	• Depois de entrar na piscina acompanhado pelo professor o aluno irá sentar-se no bordo da mesma e irá realizar batimento alternado dos MI. O professor estará colocado de frente para o aluno e o objectivo será molhar o mais possível o professor.	4'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolver a forma de deslocamento no meio aquático.	<u>Ex.1:</u> O aluno irá percorrer em marcha a piscina acompanhado do professor. O professor irá obrigar o aluno a deslocar-se em mais do que um sentido – para a frente, retaguarda e lateralmente. Os deslocamentos efectuar-se-ão, gradualmente, em zonas mais profundas. Serão utilizados objectos lúdicos de forma a proporcionar um maior prazer na realização do exercício e também de forma a abstrai-lo da subida gradual da água.	10'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a adaptação da face ao meio aquático.	<u>Ex.2:</u> O aluno terá de soprar uma bola de <i>ping-pong</i> que se encontra à deriva até chegar a margem. Será colocado um objecto lúdico no fundo da piscina para que o aluno coloque a face dentro de água para ver o objecto. O professor certifica-se que este abre os olhos dentro de água e se realiza a expiração.	10'
<u>Ex.3:</u> Consolidar o salto de pé.	<u>Ex.3:</u> O aluno será colocado em pé no bordo da piscina e irá ser incitado a saltar. O professor coloca-se junto do aluno assegurando-se que este adopta a posição de segurança antes do salto e que ao saltar não bate com nenhuma parte do corpo no bordo.	8'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver o correcto posicionamento do corpo adoptando a posição horizontal em decúbito ventral e dorsal.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá ser colocado em cima de um colchão e o professor irá transportá-lo de uma ponta a outra da piscina. O aluno estará inicialmente na posição de decúbito ventral e depois na posição de decúbito dorsal.	8'
Parte Final		
• Retorno a calma. • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares.	- O aluno brinca com o professor, molhando-se um ao outro.	5'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno realiza o exercício de activação geral sem problemas. Ex.1: O aluno percorre a piscina com bastante à vontade sem se dirigir no entanto para a parte mais funda. Não precisou do apoio do professor o que já é um avanço. Não realiza deslocamento lateral nem à retaguarda. Ex.2: O aluno não imerge a face. Ao soprar a bola de <i>ping-pong</i> fá-lo de forma a não colocar a boca na água. Terei que para a próxima aula arranjar uma outra estratégia. Ex.3: O aluno realizou novamente o salto de pé. Irei dar este conteúdo como consolidado. Ex.4: O aluno não gostou de ser colocado em cima do colchão, fazendo tudo para sair de cima dele. A alternativa foi colocar um esparguete à volta do seu tronco, segura-lo pelas pontas e transportar desta forma o aluno pela piscina com este em posição de decúbito ventral e dorsal. Acabou por resultar melhor pois desta forma libertou-lhe os MI e os MS que ele utilizou para realizar batimentos no caso dos MI e em relação aos MS utilizou-os como forma equilibradora, fazendo um esforço principalmente na posição de decúbito ventral para que a face não entrasse dentro de água. • O aluno brinca com o professor e aceita bem essas brincadeiras. O professor pega no aluno e deixa-o cair na água fazendo-o mergulhar e de imediato pega no aluno. Este atrapalha-se bastante devido ao facto de não realizar a expiração e por esse motivo bebe um pouco de água.
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo de concentração na tarefa aumentou um pouco, muito por culpa do facto de estarem menos pessoas na piscina (apenas mais uma aluna). Hoje ocorreram bastante menos distrações embora mesmo assim o aluno tivesse procurado ao longo da aula essa aluna.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Não existiram tentativas de agressão. O facto de não ter estado praticamente em contacto com outras pessoas que não o professor fez com que não houvesse possibilidade de isso acontecer. Poderiam ter havido tentativas de agressão ao professor, o que não aconteceu.

Aula nº 7

Espaço: Salas de psicomotricidade e de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Mini trampolim, colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, plataforma móvel, espaldares.	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a coordenação dinâmica geral; • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	


Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	<p>• Juntamente com os seus pares e professores o aluno irá realizar o jogo do «pára-quedas». Este jogo consiste no seguinte: Cada aluno e professores irão segurar um em cada ponta de um pára-quedas colorido. Inicialmente os alunos marcham, fazendo rodar o pára-quedas. Ao sinal do professor, todos levantam o pára-quedas e esperam que ele volte a baixar continuando a marcha.</p> <p>Variantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Colocam-se objectos no centro por baixo do pára-quedas e quando este é levantado é mencionado o nome de um aluno que terá de largar o pára-quedas e correr a ir recuperar esse objecto. - Coloca-se uma bola em cima do pára-quedas e o objectivo é mantê-la em cima do mesmo fazendo com que role sobre ele. 	8'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolver a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza marcha por um percurso delimitado por obstáculos enquanto o professor emite <i>feedbacks</i> verbais.	7'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno realiza o maior número de tentativas possível.	7'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no mini-trampolim.	<u>Ex.3:</u> O aluno realiza salto a pés juntos no mini-trampolim apoiado nos espaldares ou sem apoio.	7'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar no máximo 5 saltos consecutivos a «pés juntos» sobre 5 arcos colocados em linha no solo.	7'
<u>Ex.5:</u> Desenvolver o equilíbrio estático.	<u>Ex.5:</u> O aluno irá realizar equilíbrio estático numa plataforma móvel, tentando manter-se o mais tempo possível em pé, sem levantar os pés e sem cair.	7'
<u>Ex.6:</u> Desenvolvimento da coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.6:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar de seguida com a parte interna do pé.	7'

Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen» - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	25'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none"> • No exercício de activação de geral o aluno esteve empenhado mas nem sempre da melhor forma. Nem sempre percebeu que quando chamávamos pelo seu nome ele teria de recuperar uma bola que se encontrava no centro do pára-quedas no solo. Quando a bola se encontrava no topo deste e rolava livremente, sempre que rolava na direcção do aluno ele não compreendia que tinha de levantar o pára-quedas para que esta não caísse. No entanto o aluno esteve sempre em movimento e isso foi o mais importante. Ex.1: O aluno parece já perceber qual a posição correcta a adoptar, isto apesar de adoptar ainda com frequência a postura incorrecta (grande inclinação do tronco á frente). As constantes correcções de que tem sido alvo sob a forma de manipulação, são a maior parte das vezes substituídas por correcções verbais às quais o aluno entende perfeitamente aquilo que queremos que faça. Ex.2: Foi colocada uma divisória para delimitar o espaço onde o aluno iria executar este exercício. Com isto pretendia que o aluno se concentrasse o mais possível pois se bem me lembro este exercício na última aula não correu muito bem. Posto isto o aluno inicialmente teimava em sair da zona circunscrita, no entanto cedo percebeu que não iria sair dali sem que o exercício fosse efectuado. Lá acabou por realizar o exercício tendo inclusive conseguido acertar com duas bolas no alvo. De referir que reduzi a distancia ao alvo sensivelmente para um metro. Ex.3: O aluno realizou saltos consecutivos a pés juntos no mini-trampolim apoiando-se nos espaldares. Realizou 6 saltos consecutivos o que é muito bom. Ex.4: O aluno realizou 3 percursos tendo no primeiro efectuado um salto correcto, no segundo dois saltos válidos e no terceiro três saltos. Ex.5: O aluno voltou a não conseguir realizar este exercício com sucesso. Ex.6: O aluno executou passes com o professor, embora que descontrolados, mas fê-lo, ao contrário de aulas anteriores em que tinha rejeitado a execução do exercício. Continua a efectuar o passe com a zona anterior do pé.
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Continua a ter o mesmo problema de concentração na tarefa mas com uma ligeira melhora.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • As tentativas de agressão a pares diminuíram. Por outro lado aumentaram as demonstrações de carinho e afecto através de beijos e abraços.

Aula nº 8


Espaço: Salas de psicomotricidade e de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Mini trampolim, colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, plataforma móvel, espaldares.	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação intermédia dos conteúdos avaliados inicialmente na avaliação inicial. • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
<ul style="list-style-type: none"> • Activação Geral • Desenvolvimento da coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha e corrida. 	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno realiza corrida à volta do espaço, evitando alguns objectos que propositadamente foram colocados distribuídos pela sala; - O aluno corre de mão dada com o professor mas sempre que possível corre sozinho; - A correcção da sua postura é efectuada por manipulação acompanhada de <i>feedbacks</i> verbais. 	8'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Avaliar a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno tem 5 tentativas e irá lançar com a mão preferida.	7'
<u>Ex.2:</u> Avaliar a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar e seguida com a parte interna do pé.	7'
<u>Ex.3:</u> Avaliar a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no mini-trampolim.	<u>Ex.3:</u> O aluno irá realizar o maior numero de saltos consecutivos a «pés juntos» no mini-trampolim com ou sem ajuda.	7'
<u>Ex.4:</u> Avaliar a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar 3 saltos consecutivos a «pés juntos» sobre 3 arcos colocados em linha no solo.	7'
<u>Ex.5:</u> Avaliar o equilíbrio estático.	<u>Ex.5:</u> O aluno irá realizar equilíbrio estático numa plataforma móvel, tentando manter-se o mais tempo possível em pé, sem levantar os pés e sem cair.	7'
<u>Ex.6:</u> Avaliar a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.6:</u> O aluno realiza marcha por um percurso previamente delimitado de obstáculos e o professor avalia o seu desempenho.	7'
Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor, aluno-pares. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen». - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	25'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<p>Ex.1: Realiza lançamentos com o membro superior dominante em direcção a um alvo de forma mais controlada, com pontaria mais certa.</p> <p>Ex.2: Continua a realizar passes de forma descontrolada. Esboça a tentativa de passar com a parte interna do pé</p> <p>Ex.3: Realiza saltos a pés juntos sem ajuda no mini-trampolim</p> <p>Ex.4: Realiza saltos a pés juntos no solo com dificuldades e sem ajuda (no máximo 3 saltos consecutivos).</p> <p>Ex.5: Realiza exercício de equilíbrio estático em cima de uma plataforma móvel, mantendo a dificuldade inicial;</p> <p>Ex.6: Melhor coordenação no movimento (costas mais direitas), o ritmo mantém-se igualmente lento e tende a arrastar menos os pés.</p>
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none">• O aluno consegue manter-se um pouco mais concentrado na tarefa do que inicialmente.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none">• As tentativas de agressão a pares diminuíram e aumentaram as demonstrações de afecto e de carinho dentro das aulas.

Aula nº 9


Espaço: Piscina.	Duração: 45 minutos
Material: Esparguete, bóias, bolas, bola de <i>ping-pong</i> .	
Objectivos Gerais: <ul style="list-style-type: none"> • Adaptação ao Meio Aquático. • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor. • Desenvolvimento da Coordenação Dinâmica Geral. 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	- Depois de entrar na piscina acompanhado pelo professor o aluno irá sentar-se no bordo da mesma e irá realizar batimento alternado dos MI. - O professor estará colocado de frente para o aluno e o objectivo será molhar o mais possível o professor.	4'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolvimento da coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha em meio aquático.	<u>Ex.1:</u> O professor irá perseguir o aluno fazendo com que este se desloque em variadas direcções e a diferentes velocidades (marcha e corrida).	10'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a adaptação da face no meio aquático.	<u>Ex.2:</u> O professor irá encurralar o aluno dentro de água junto ao bordo da piscina, colocando os dois braços estendidos e abertos seguros ao bordo. O aluno estará entre os braços e o corpo do professor sem escapatória. Para o aluno escapar terá de mergulhar todo o corpo e passar por baixo de um dos braços. Aqui terei uma ajuda de uma auxiliar no sentido de verificar se o aluno quando imerge se mantém os olhos abertos ou não.	10'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver o correcto posicionamento do corpo adoptando a posição horizontal em decúbito ventral e dorsal	<u>Ex.3:</u> Irá ser colocado um esparguete em volta do tronco do aluno e este será transportado pelo professor adoptando a posição de decúbito ventral e depois na posição de decúbito dorsal.	8'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a passagem da posição vertical para a posição horizontal ventral e dorsal e vice-versa.	<u>Ex.4:</u> O aluno com a ajuda de um flutuador furado, passa o seu corpo através do furo ficando o flutuador a servir de bóia. O professor segura numa das pontas do flutuador e faz com que o aluno adopte a posição horizontal ventral ou dorsal. Depois de adoptada uma das posições o professor solta o flutuador deixando que o aluno assuma sozinho a posição vertical.	8'
Parte Final		
• Retorno a calma. • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares.	- O aluno brinca com o professor, molhando-se um ao outro.	5'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno realiza o exercício de activação geral sem problemas. Ex.1: O aluno percorre a piscina com bastante vontade dirigindo-se inclusive para a parte mais funda. Adopta uma postura correcta nas suas movimentações. Ex.2: O aluno sozinho tomou iniciativa de mergulhar a face, muito por culpa da insistência do professor em arranjar um estratagema para que ele o fizesse. Com a ajuda da auxiliar consegui ver também que o aluno ao mergulhar mantém os olhos abertos, o que é óptimo. Continua sem realizar expiração, conteúdo esse em que irei insistir até que o aluno tenha sucesso ou se esgotem as aulas. Ex.3: O aluno adoptou a posição de decúbito dorsal e ventral por manipulação com a ajuda de um esparquete no entanto mantém o corpo desalinhado. Ao fazê-lo o aluno toma iniciativa de realizar batimento de pernas, o que acaba desenvolver também um outro conteúdo em que esta previsto a sua abordagem. Desta forma na próxima aula o seu planeamento terá em conta a execução conjunta do desenvolvimento da adopção por parte do aluno da posição horizontal ventral e dorsal em conjunto com a realização de batimento de pernas também nas duas posições. Ex.4: O aluno através de manipulação passou pelas posições de decúbito dorsal e ventral, no entanto mantém o corpo desalinhado. • O aluno brinca com o professor e aceita bem essas brincadeiras. O professor pega no aluno e deixa-o cair na água fazendo-o mergulhar e de imediato pega no aluno. Este atrapalha-se bastante devido ao facto de não realizar a expiração e por esse motivo bebe um pouco de água.
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo de concentração na tarefa aumentou um pouco.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Não existiram tentativas de agressão.

Aula nº10


Espaço: Sala de psicomotricidade, espaço exterior e sala de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, espaldares.	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a coordenação dinâmica geral; • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
<ul style="list-style-type: none"> • Activação Geral • Desenvolvimento da coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha. 	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno no espaço exterior realiza livremente corrida subindo e descendo uma rampa. • Num espaço amplo o aluno realiza o jogo das “caçadinhas” com o professor e os restantes colegas. • A correcção da postura é efectuada por manipulação acompanhada de <i>feedbacks</i> verbais. 	8'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolver a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza marcha por um percurso delimitado por obstáculos enquanto o professor emite <i>feedbacks</i> verbais.	7'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno realiza o maior número de tentativas possível.	7'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.3:</u> O aluno irá subir e descer escadas com apoio realizando alternância dos MI.	7'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar no máximo 5 saltos consecutivos a «pés juntos» sobre 5 arcos colocados em linha no solo.	7'
<u>Ex.5:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual e óculo-pedal.	<u>Ex.5:</u> O aluno realiza subida nos espaldares até ao topo, recolhendo uma bola que aí se encontra. Lança a bola para o professor e retorna a posição inicial (solo).	7'
<u>Ex.6:</u> Desenvolvimento da coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.6:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar de seguida com a parte interna do pé.	7'
Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno pares. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen» - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	25'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none"> • Poderíamos pensar que o aluno iria estranhar o facto de sairmos da sala quando tínhamos acabado de entrar nela. O facto é que acabou por ser bastante benéfico, pois tínhamos bastante mais espaço para que o aluno pudesse correr e saltar e este correspondeu muito bem. Mais uma vez a correcção da postura ia sendo feita através de manipulação mas nesta fase essencialmente através de correcções verbais. <p>O jogo das “caçadinhas”, correu bem no sentido de que o aluno corria atrás dos colegas quando lhe era pedido, mas já quando lhe era pedido que fugisse destes o resultado já não era o mesmo. O aluno percebe que tem de ir atrás de alguém até porque vê esse alguém a fugir, mas não entende quando tem de fazer o papel de fugitivo. Contudo o objectivo do exercício foi alcançado.</p> <p>Como já tinha sido referido em relatórios anteriores o aluno denota já uma melhor postura, mas principalmente uma melhor compreensão da postura que tem de adoptar. Ao nível da corrida os progressos continuam a verificar-se, sendo que é possível constatar uma melhor coordenação ao nível dos MS, bem como a velocidade da passada notoriamente mais rápida.</p> <p>Ex.1: De volta ao ginásio o aluno realizou em marcha e em quatro apoios um percurso previamente delimitado. O aluno demonstra já menos dificuldade na transposição dos obstáculos bem como uma melhor percepção acerca daquilo que deve fazer e como fazer.</p> <p>Ex.2: O aluno recusou-se a realizar este exercício, contudo quase no fim da aula consegui que este realizasse dois lançamentos. Foram dois lançamentos totalmente desajeitados contrariando a tendência das últimas aulas.</p> <p>Ex.3: O aluno sobe escadas demonstrando alguma destreza sempre apoiado no corrimão. Desce escadas não realizando a alternância dos MI. Neste capítulo irei insistir até que o aluno o consiga fazer correctamente.</p> <p>Ex.4: O aluno realizou 4 saltos consecutivos embora no último salto tenha tocado o solo com os MI alternadamente. O aluno cansa-se rápido na realização deste exercício e teima em sentar-se demonstrando dessa forma que não quer continuar a realizar o exercício.</p> <p>Ex.5: O aluno realizou subida nos espaldares retirando a bola que se encontrava pousada na última trave. Na descida o aluno tem tendência a “saltar” traves. Vou insistir para que a sua descida seja gradual e para que isso não aconteça.</p> <p>Ex.6: O aluno rejeitou a realização deste exercício.</p>
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Continua a ter o mesmo problema de concentração na tarefa, hoje especialmente desconcentrado.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno esteve especialmente agitado nesta aula tendo ocorrido algumas agressões aos seus pares o que contraria a tendência que se tem verificado nas últimas aulas.

Aula nº11


Espaço: Piscina.	Duração: 45 minutos
Material: Esparguete, bóias.	
Objectivos Gerais: <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação intermédia dos conteúdos abordados nas primeiras aulas. • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	• Depois de entrar na piscina acompanhado pelo professor o aluno irá sentar-se no bordo da mesma e irá realizar batimento alternado dos MI. O professor estará colocado de frente para o aluno e o objectivo será molhar o mais possível o professor.	5'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Avaliar a forma de deslocamento no meio aquático.	<u>Ex.1:</u> O aluno irá percorrer em marcha a piscina acompanhado do professor. Os deslocamentos efectuar-se-ão, gradualmente, em zonas mais profundas. Serão utilizados objectos lúdicos de forma a proporcionar um maior prazer na realização do exercício e também de forma a abstrai-lo da subida gradual da água.	8'
<u>Ex.2:</u> Avaliar a adaptação da face ao meio aquático.	<u>Ex.2:</u> À medida que o aluno se desloca o professor irá lançar água à cara do aluno; Posteriormente irá através de manipulação e/ou demonstração fazer com que o aluno coloque a cara dentro de água. Para isso é colocado um objecto lúdico no fundo da piscina para que o aluno o tente visualizar.	8'
<u>Ex.3:</u> Avaliar o salto de pé.	<u>Ex.3:</u> O aluno será colocado em pé no bordo da piscina e irá ser incitado a saltar. O professor coloca-se junto do aluno assegurando-se que este adopta a posição de segurança antes do salto e que ao saltar não bate com nenhuma parte do corpo no bordo.	8'
<u>Ex.4:</u> Avaliar a passagem de equilíbrio vertical, para equilíbrio horizontal dorsal e ventral e voltar a posição inicial.	<u>Ex. 4:</u> Através de demonstração e <i>feedbacks</i> verbais o aluno irá realizar junto do bordo a passagem de equilíbrio vertical para horizontal, ventral e dorsal, voltando à posição inicial.	8'
Parte Final		
• Retorno a calma	- O aluno junto com os restantes pares, irá realizar um círculo e com uma bola irão jogar entre si.	8'

Relatório de observação	
Dominio Motor	<p>Ex.1: Entra na água acompanhado de um adulto e imerge o corpo até ao nível dos ombros. Desloca-se autonomamente, de forma confiante.</p> <p>Ex.2: Imerge a face com olhos abertos, mas não expira.</p> <p>Ex.3: Salta para a água a partir do bordo da piscina, partindo da posição de pé.</p> <p>Ex.4: Passa para a posição horizontal ventral e dorsal através de manipulação, no entanto mantém o corpo desalinhado. Retoma a posição vertical saindo da posição horizontal ventral com alguma dificuldade e da posição horizontal dorsal com bastante dificuldade.</p>
Dominio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none">• O aluno consegue manter-se um pouco mais concentrado na tarefa do que inicialmente.
Dominio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none">• As tentativas de agressão a pares diminuíram e aumentaram as demonstrações de afecto e de carinho dentro das aulas.

Aula nº12


Espaço: Sala de psicomotricidade, espaço exterior e sala de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, espaldares.	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a coordenação dinâmica geral; • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
<ul style="list-style-type: none"> • Activação Geral • Desenvolvimento da coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha. 	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno no espaço exterior realiza livremente corrida subindo e descendo uma rampa. • Num espaço amplo o aluno realiza o jogo das “caçadinhas” com o professor e os restantes colegas. • A correcção da postura é efectuada por manipulação acompanhada de <i>feedbacks</i> verbais. 	8'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolver a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza marcha por um percurso delimitado por obstáculos enquanto o professor emite <i>feedbacks</i> verbais.	7'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno realiza o maior número de tentativas possível.	7'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.3:</u> O aluno irá subir e descer escadas com apoio realizando alternância dos MI.	7'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar no máximo 5 saltos consecutivos a «pés juntos» sobre 5 arcos colocados em linha no solo.	7'
<u>Ex.5:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual e óculo-pedal.	<u>Ex.5:</u> O aluno realiza subida nos espaldares até ao topo, recolhendo uma bola que aí se encontra. Lança a bola para o professor e retorna a posição inicial (solo).	7'
<u>Ex.6:</u> Desenvolvimento da coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.6:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar de seguida com a parte interna do pé.	7'
Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen» - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	25'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none"> • Poderíamos pensar que o aluno iria estranhar o facto de sairmos da sala quando tínhamos acabado de entrar nela. O facto é que acabou por ser bastante benéfico, pois tínhamos bastante mais espaço para que o aluno pudesse correr e saltar e este correspondeu muito bem. Mais uma vez a correcção da postura ia sendo feita através de manipulação mas nesta fase essencialmente através de correcções verbais. <p>O jogo das “caçadinhas”, correu bem no sentido de que o aluno corria atrás dos colegas quando lhe era pedido, mas já quando lhe era pedido que fugisse destes o resultado já não era o mesmo. O aluno percebe que tem de ir atrás de alguém até porque vê esse alguém a fugir, mas não entende quando tem de fazer o papel de fugitivo. Contudo o objectivo do exercício foi alcançado.</p> <p>Como já tinha sido referido em relatórios anteriores o aluno denota já uma melhor postura, mas principalmente uma melhor compreensão da postura que tem de adoptar. Ao nível da corrida os progressos continuam a verificar-se, sendo que é possível constatar uma melhor coordenação ao nível dos MS, bem como a velocidade da passada notoriamente mais rápida.</p> <p>Ex.1: De volta ao ginásio o aluno realizou em marcha e em quatro apoios um percurso previamente delimitado. O aluno demonstra já menos dificuldade na transposição dos obstáculos bem como uma melhor percepção acerca daquilo que deve fazer e como fazer.</p> <p>Ex.2: O aluno recusou-se a realizar este exercício, contudo quase no fim da aula consegui que este realizasse dois lançamentos. Foram dois lançamentos totalmente desajeitados contrariando a tendência das últimas aulas.</p> <p>Ex.3: O aluno sobe escadas demonstrando alguma destreza sempre apoiado no corrimão. Desce escadas não realizando a alternância dos MI. Neste capítulo irei insistir até que o aluno o consiga fazer correctamente.</p> <p>Ex.4: O aluno realizou 4 saltos consecutivos embora no último salto tenha tocado o solo com os MI alternadamente. O aluno cansa-se rápido na realização deste exercício e teima em sentar-se demonstrando dessa forma que não quer continuar a realizar o exercício.</p> <p>Ex.5: O aluno realizou subida nos espaldares retirando a bola que se encontrava pousada na última trave. Na descida o aluno tem tendência a “saltar” traves. Vou insistir para que a sua descida seja gradual e para que isso não aconteça.</p> <p>Ex.6: O aluno rejeitou a realização deste exercício.</p>
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Continua a ter o mesmo problema de concentração na tarefa, hoje especialmente desconcentrado.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno esteve especialmente agitado nesta aula tendo ocorrido algumas agressões aos seus pares o que contraria a tendência que se tem verificado nas últimas aulas.

Aula nº13

Espaço: Sala de psicomotricidade e sala de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, espaldares.	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a coordenação dinâmica geral; • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	


Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	<p>• Juntamente com os seus pares e professores o aluno irá realizar o jogo do «para-quedas». Este jogo consiste no seguinte: Cada aluno e professores irão segurar em cada ponta de um para-quedas colorido. Inicialmente os alunos marcham, fazendo rodar o para-quedas. Ao sinal do professor, todos levantam o para-quedas e esperam que ele volte a baixar continuando a marcha.</p> <p>Variantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Colocam-se objectos no centro por baixo do para-quedas e quando este é levantado é mencionado o nome de um aluno que terá de largar o para-quedas e correr a ir recuperar esse objecto. - Coloca-se uma bola em cima do para-quedas e o objectivo é mantê-la em cima do mesmo fazendo com que role sobre ele. 	8'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolver a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza marcha por um percurso delimitado por obstáculos enquanto o professor emite <i>feedbacks</i> verbais.	7'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno realiza o maior número de tentativas possível.	7'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.3:</u> O aluno irá subir e descer escadas com apoio realizando alternância dos MI.	7'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar o máximo de saltos consecutivos a «pés juntos» sobre arcos colocados em linha no solo.	7'
<u>Ex.5:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual e óculo-pedal.	<u>Ex.5:</u> O aluno realiza subida nos espaldares até ao topo, recolhendo uma bola que aí se encontra. Lança a bola para o professor e retorna a posição inicial (solo).	7'
<u>Ex.6:</u> Desenvolvimento da coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.6:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar de seguida com a parte interna do pé.	7'

Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen» - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	25'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none"> • Neste primeiro exercício que tem como função predispor o corpo do aluno para os exercícios seguintes, o aluno não entendendo a dinâmica do mesmo, acabou por cumprir o objectivo do mesmo. O aluno apresentou alguma lentidão de movimentos. Ex.1: O aluno percorreu um percurso previamente delimitado. O aluno demonstra já menos dificuldade na transposição dos obstáculos bem como uma melhor percepção acerca daquilo que deve fazer e como fazer. Ex.2: O aluno realizou o exercício de forma bastante satisfatória, tendo conseguido realizar 2 lançamentos certos, embora a uma distância reduzida (1 metro). O aluno realizou 6 tentativas tendo rejeitado de seguida realizar novo arremesso, prostrando-se no solo como sinal de cansaço ou puro desinteresse. Ex.3: O aluno sobe escadas mas denota-se que se encontra bastante cansado pela postura que adopta (ombros caídos, cabeça baixa cambaleando na marcha). Optei por parar a realização do exercício levando-o de volta para o ginásio. Em conversa com a sua professora e auxiliares concluímos que o aluno não tinha descansado nessa noite e que o melhor seria parar com os exercícios e antecipar a ida para a sala de <i>snoezelen</i> com o objectivo deste poder descansar. Ex.4: Não foi realizado. Ex.5: Não foi realizado. Ex.6: Não foi realizado.
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Continua a ter o mesmo problema de concentração na tarefa, hoje especialmente desconcentrado.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Não se registaram quaisquer tentativas de agressão a professores ou aos seus pares.

Aula nº14


Espaço: UIE nas campinas e espaço exterior.	Duração: 75 minutos
Material: Bolas, cones, arcos.	
Objectivos Gerais: <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a coordenação dinâmica geral; • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	• O aluno irá realizar corrida no exterior em volta da escola.	10'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolver a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza marcha por um percurso delimitado por obstáculos enquanto o professor emite <i>feedbacks</i> verbais.	10'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno realiza o maior número de tentativas possível.	7'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.3:</u> O aluno irá subir e descer escadas com apoio realizando alternância dos MI.	7'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar o máximo de saltos consecutivos a «pés juntos» sobre arcos colocados em linha no solo.	7'
<u>Ex.5:</u> Desenvolvimento da coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.5:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar de seguida com a parte interna do pé.	10'
Parte Final		
• Retorno à calma	• Sala da UIE - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno.	24'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno realizou activação geral realizando corrida em volta da escola. Quando estava cansado o aluno caminhava junto do professor. Ex.1: O aluno percorreu um percurso previamente delimitado. Os obstáculos eram diferentes daqueles utilizados na sala de psicomotricidade na APPACDM contudo o aluno realizou o percurso com eficácia. O seu padrão de marcha encontra-se bastante melhor Ex.2: Dos 5 lançamentos que o aluno fez nenhum foi certo contudo o exercício foi realizado com um nível de concentração por parte do aluno bastante elevado. De referir que dos cinco lançamentos dois deles estiveram muito perto do alvo. Ex.3: O aluno realiza subida de escadas sem problemas. A descer o aluno não alterna ainda os MI, fazendo-o apenas pela indicação do professor que tem de apontar para a perna que deve descer o degrau. A perna que teima em não realizar a descida do degrau é a perna esquerda. Ex.4: O aluno recusou-se a realizar saltos a pés juntos nos arcos. Posto isto o professor levou o aluno para a zona de recreio onde existe um degrau obrigando o aluno a descer esse degrau saltando a pés juntos. O aluno realizou esse salto 3 vezes. Ex.5: O professor realiza troca de bolas com o aluno. Este não domina a bola como pretendido mas já esboça intenção de passar a bola com a parte interna do pé.
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Embora os seus níveis de concentração variem de exercício para exercício o aluno demonstrou nesta aula altos níveis de concentração nas tarefas.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Não se registaram quaisquer tentativas de agressão a professores ou aos seus pares.

Aula nº15

Espaço: Sala de psicomotricidade e sala de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, espaldares.	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a coordenação dinâmica geral; • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	


Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	<p>• Juntamente com os seus pares e professores o aluno irá realizar o jogo do «pára-quedas». Este jogo consiste no seguinte: Cada aluno e professores irão segurar em cada ponta de um pára-quedas colorido. Inicialmente os alunos marcham, fazendo rodar o pára-quedas. Ao sinal do professor, todos levantam o pára-quedas e esperam que ele volte a baixar continuando a marcha.</p> <p>Variantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Colocam-se objectos no centro por baixo do pára-quedas e quando este é levantado é mencionado o nome de um aluno que terá de largar o pára-quedas e correr a ir recuperar esse objecto. - Coloca-se uma bola em cima do pára-quedas e o objectivo é mantê-la em cima do mesmo fazendo com que role sobre ele. 	8'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolver a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza marcha por um percurso delimitado por obstáculos enquanto o professor emite <i>feedbacks</i> verbais.	7'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno realiza o maior número de tentativas possível.	7'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.3:</u> O aluno irá subir e descer escadas com apoio realizando alternância dos MI.	7'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar o máximo de saltos consecutivos a «pés juntos» sobre arcos colocados em linha no solo.	7'
<u>Ex.5:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual e óculo-pedal.	<u>Ex.5:</u> O aluno realiza subida nos espaldares até ao topo, recolhendo uma bola que aí se encontra. Lança a bola para o professor e retorna a posição inicial (solo).	7'
<u>Ex.6:</u> Desenvolvimento da coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.6:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar de seguida com a parte interna do pé.	7'

Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen» - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	25'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none"> • O exercício de activação geral correu dentro da normalidade. Ex.1: O aluno percorreu um percurso previamente delimitado. O aluno demonstra já menos dificuldade na transposição dos obstáculos bem como uma melhor percepção acerca daquilo que deve fazer e como fazer. Ex.2: O aluno realizou 3 lançamentos tendo acertado uma vez no alvo. Ex.3: O aluno sobe escadas correctamente. A descer com a indicação verbal por parte do professor em conjunto com demonstração visual o aluno conseguiu realizar a descida correctamente, ou seja alternando os MI. Ex.4: O aluno realizou 3 saltos consecutivos sobre os arcos. Este é dos exercícios que o aluno menos gosta. Ex.5: O aluno realiza este exercício sem quaisquer problemas. O professor tem insistido com ele no sentido de realizar mais calmamente a descida sem "saltar" degraus. Ex.6: O aluno demonstrou total desinteresse na realização deste exercício. Por esse motivo desta vez poupei-o da realização do mesmo.
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Continua a ter o mesmo problema de concentração na tarefa, hoje especialmente desconcentrado no exercício 6.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Não se registaram quaisquer tentativas de agressão a professores ou aos seus pares.

Aula nº16


Espaço: Sala de psicomotricidade e sala de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, espaldares.	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a coordenação dinâmica geral; • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno no espaço exterior realiza livremente corrida subindo e descendo uma rampa. • Num espaço amplo o aluno realiza o jogo das “caçadinhas” com o professor e os restantes colegas. • A correcção da postura é efectuada por manipulação acompanhada de <i>feedbacks</i> verbais. 	8'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolver a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza marcha por um percurso delimitado por obstáculos enquanto o professor emite <i>feedbacks</i> verbais.	7'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno realiza o maior número de tentativas possível.	7'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.3:</u> O aluno irá subir e descer escadas com apoio realizando alternância dos MI.	7'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar o máximo de saltos consecutivos a «pés juntos» sobre arcos colocados em linha no solo.	7'
<u>Ex.5:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual e óculo-pedal.	<u>Ex.5:</u> O aluno realiza subida nos espaldares até ao topo, recolhendo uma bola que aí se encontra. Lança a bola para o professor e retorna a posição inicial (solo).	7'
<u>Ex.6:</u> Desenvolvimento da coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.6:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar de seguida com a parte interna do pé.	7'
Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen». - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	25'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none"> • O exercício de activação geral não foi possível de realizar no espaço exterior pois estava de chuva. Realizou-se corrida dentro da sala de psicomotricidade juntamente com todos os outros alunos. Ex.1: O aluno realiza o percurso sem a necessidade de tantas correcções posturais. O importante é que o aluno parece perceber qual o padrão de marcha correcto que tem de adoptar e quando alguma correcção lhe é feita este pára aquilo que está a fazer, levanta o braço e diz: “amé” acenando com a cabeça como que a dizer “já percebi”. Este percurso é realizado a cada aula que passa com uma melhor performance. Ex.2: O aluno realizou 8 lançamentos. Embora não tenha acertado nenhuma no alvo, notou-se um maior empenho e uma maior concentração, num exercício que sempre foi do seu desagrado. As tentativas que o aluno faz, são de acordo com o seu estado de espírito. Quando o aluno embirra com o exercício muito dificilmente conseguimos dar-lhe a volta. Ex.3: O aluno sobe escadas correctamente. A descer com a indicação verbal por parte do professor em conjunto com demonstração visual o aluno conseguiu realizar a descida correctamente, ou seja alternando os MI. Ex.4: O aluno realizou 4 saltos consecutivos sobre os arcos na primeira tentativa. Na segunda tentativa realizou 2 saltos. Ex.5: O aluno realiza correctamente este exercício e vou considera-lo como consolidado. Ex.6: O aluno realizou passes com o professor. O professor colocava a bola na frente do aluno para que este realizasse o passe. O passe é realizado com a biqueira da sapatilha, contudo parece fazer um esforço para que o passe seja feito com a parte interna do pé. O professor manipula o aluno de forma a este realizar o movimento correcto.
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno permaneceu concentrado nas tarefas.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Ocorreu uma agressão a um dos seus pares no entanto de imediato se apercebeu do mal que tinha feito e pediu desculpa. Mesmo assim neste capítulo o aluno encontra-se bastante melhor.

Aula nº17

Espaço: Piscina.	Duração: 45 minutos
Material: Esparguete, bóias, bolas.	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Adaptação ao Meio Aquático. • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor. • Desenvolvimento da Coordenação Dinâmica Geral. 	


Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	<ul style="list-style-type: none"> - Entrada na piscina de forma gradual. Diversos objectos lúdicos são arremessados para a piscina pelo professor e o aluno terá de os recolher ao sinal do professor. - O professor coloca-se de frente para o aluno com este sentado no bordo da piscina. É-lhe pedido que efectue batimento de MI no sentido de molhar o mais possível o professor. 	4'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolvimento da coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha em meio aquático.	<u>Ex.1:</u> O professor irá perseguir o aluno fazendo com que este se desloque em variadas direcções e a diferentes velocidades (marcha e corrida). Quando necessário realiza o exercício de mão dada.	10'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a adaptação da face no meio aquático.	<u>Ex.2:</u> O professor ou auxiliar irá encurralar o aluno dentro de água junto ao bordo da piscina, colocando os dois braços estendidos e abertos seguros ao bordo. O aluno estará entre os braços e o corpo do professor ou auxiliar sem escapatória. Para o aluno escapar terá de mergulhar todo o corpo e passar por baixo de um dos braços. O professor ou a auxiliar irão confirmar se o aluno quando imerge se mantém os olhos abertos ou não.	10'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver o correcto posicionamento do corpo adoptando a posição horizontal em decúbito ventral e dorsal sem e com batimento alternado dos MI.	<u>Ex.3:</u> Irá ser colocado um esparguete em volta do tronco do aluno e este será transportado pelo professor adoptando a posição de decúbito ventral e depois na posição de decúbito dorsal. Nestas mesmas posições o aluno irá realizar batimento dos MI.	8'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a passagem da posição vertical para a posição horizontal ventral e dorsal e vice-versa.	<u>Ex.4:</u> O aluno com a ajuda de um esparguete, coloca o seu corpo em volta deste ficando o mesmo a servir de bóia. O professor segura nas duas pontas do esparguete e faz com que o aluno adopte a posição horizontal ventral ou dorsal. Depois de adoptada uma das posições o professor solta o flutuador deixando que o aluno assuma sozinho a posição vertical.	8'
Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Retorno a calma. • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor. 	- O aluno brinca com o professor, molhando-se um ao outro.	5'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno percorreu toda a piscina em busca dos objectos arremessados pelo professor. Esteve muito à vontade tanto na zona de menor como de maior profundidade. Nem parecia que tinha estado 5 semanas sem contacto com a água. Ex.1: O aluno não se desloca lateralmente nem para trás. Para se deslocar em corrida teve de dar a mão ao aluno. Desloca-se em todas as zonas da piscina. Ex.2: O aluno mergulha a face no sentido de se libertar do professor que o encurra-la junto ao bordo, mantendo os olhos abertos o que é ótimo. Continua sem realizar expiração. Ex.3: O aluno adoptou a posição de decúbito dorsal e ventral por manipulação com a ajuda de um esparguete continuando a manter o corpo desalinado. Ao mesmo tempo o aluno realiza batimento de pernas. Em posição de decúbito ventral o aluno realiza uma pernada alternada mas funda, em decúbito dorsal realiza um movimento de pedalagem. Ex.4: O aluno não passa da posição vertical para a horizontal por iniciativa própria a não ser por manipulação. Depois de estar na posição de decúbito ventral passa para a posição vertical com alguma dificuldade. Da posição de decúbito dorsal para a vertical é com bastante dificuldade que realiza essa transição • O aluno brinca com o professor molhando-se um ao outro.
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo de concentração na tarefa foi bastante bom.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Não existiram tentativas de agressão.

Nota: O aluno até esta aula esteve 5 semanas sem poder ir à piscina pelo facto de a mesma ter estado indisponível durante 3 semanas e derivado ao aluno ter estado internado durante 4 dias no hospital devido à recusa de ingestão de alimentos. Apresentando uma debilidade notória optamos por esta paragem em parte forçada pelo facto de não termos as instalações disponíveis e por outro lado pelo seu estado de saúde.

Aula nº18


Espaço: Sala de psicomotricidade e sala de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, espaldares.	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a coordenação dinâmica geral; • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno no espaço exterior realiza livremente corrida subindo e descendo uma rampa. • Num espaço amplo o aluno realiza o jogo das "caçadinhas" com o professor e os restantes colegas. • A correcção da postura é efectuada por manipulação acompanhada de <i>feedbacks</i> verbais. 	8'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolver a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza marcha por um percurso delimitado por obstáculos enquanto o professor emite <i>feedbacks</i> verbais.	10'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno realiza o maior número de tentativas possível.	8'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.3:</u> O aluno irá subir e descer escadas com apoio realizando alternância dos MI.	8'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar o máximo de saltos consecutivos a «pés juntos» sobre arcos colocados em linha no solo.	8'
<u>Ex.5:</u> Desenvolvimento da coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.5:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar de seguida com a parte interna do pé.	8'
Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen» - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	25'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none"> • O exercício de activação geral correu dentro da normalidade. Ex.1: O aluno realiza o percurso sem nada a apontar. O seu padrão de marcha está bastante melhor e o seu deslocamento é mais rápido traduzindo-se na conclusão do percurso num menor tempo. Ex.2: O aluno mais uma vez recusou-se a realizar este exercício. Ex.3: O aluno sobe escadas correctamente. Na descida o seu padrão de marcha já se encontra bastante melhor, não tendo o professor de repetir sistematicamente, como de início, a forma como o aluno deve colocar os MI . Ex.4: O aluno realizou 3 séries de saltos da primeira realizou dois saltos consecutivos. Da segunda e com a ajuda do trauteio de uma música do agrado do aluno foi possível realizar 4 saltos consecutivos. Na última série o aluno realizou um salto e de imediato se sentou. Ex.5: O aluno e professor realizam passes entre si, contudo o aluno não executa correctamente a recepção da bola nem tão pouco esboça qualquer tipo de tentativa para o fazer. A bola é colocada à disposição do aluno e este realiza então o passe para o professor.
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • O nível de concentração varia de exercício para exercício, mas regra geral encontra-se bastante melhor.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Não houveram agressões a registar.

Aula nº 19


Espaço: Piscina.	Duração: 45 minutos
Material: Esparguete, bóias, bolas.	
Objectivos Gerais: <ul style="list-style-type: none"> • Adaptação ao Meio Aquático. • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor. • Desenvolvimento da Coordenação Dinâmica Geral. 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	• Depois de entrar na piscina acompanhado pelo professor o aluno irá sentar-se no bordo da mesma e irá realizar batimento alternado dos MI. O professor estará colocado de frente para o aluno e o objectivo será molhar o mais possível o professor.	4'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolvimento da coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha em meio aquático.	<u>Ex.1:</u> O professor irá perseguir o aluno fazendo com que este se desloque em variadas direcções e a diferentes velocidades (marcha e corrida). Quando necessário realiza o exercício de mão dada.	10'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a adaptação da face no meio aquático.	<u>Ex.2:</u> O aluno será incitado a soprar uma bola de <i>ping-pong</i> que se encontra à deriva na piscina. Enquanto isso o professor arremessa água para a face do aluno.	8'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver o correcto posicionamento do corpo adoptando a posição horizontal em decúbito ventral e dorsal sem e com batimento alternado dos MI.	<u>Ex.3:</u> Irá ser colocado um esparguete em volta do tronco do aluno e este será transportado pelo professor adoptando a posição de decúbito ventral e depois na posição de decúbito dorsal. Nestas mesmas posições o aluno irá realizar batimento dos MI.	10'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a passagem da posição vertical para a posição horizontal ventral e dorsal e vice-versa.	<u>Ex.4:</u> O aluno com a ajuda de um esparguete, coloca o seu corpo em volta deste ficando o mesmo a servir de bóia. O professor segura nas duas pontas do esparguete e faz com que o aluno adopte a posição horizontal ventral ou dorsal. Depois de adoptada uma das posições o professor solta o flutuador deixando que o aluno assumo sozinho a posição vertical.	8'
Parte Final		
• Retorno a calma. • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares.	- O aluno é colocado em cima de um tapete flutuante e transportado por toda a piscina pelo professor. O professor coloca posteriormente todos os alunos em cima desse tapete.	5'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno realizou batimento de pernas sentado no bordo. Ex.1: O aluno continua a não se deslocar lateralmente nem para trás. Contudo realiza com à vontade marcha por toda a piscina. Ex.2: O aluno continua sem realizar expiração. Recusa em soprar na bola de <i>ping-pong</i>. Ex.3: O aluno adoptou a posição de decúbito dorsal e ventral por manipulação com a ajuda de um esparguete e continua a manter o corpo desalinhado e a demonstrar desagrado quando realiza o exercício. Ao mesmo tempo o aluno realiza batimento de pernas. Em posição de decúbito ventral o aluno realiza uma pernada alternada mas funda, em decúbito dorsal realiza um movimento de pedalagem. Ex.4: O aluno não passa da posição vertical para a horizontal por iniciativa própria a não ser por manipulação. Depois de estar na posição de decúbito ventral passa para a posição vertical com alguma dificuldade. Da posição de decúbito dorsal para a vertical é com bastante dificuldade que realiza essa transição • O aluno interagiu em brincadeiras com os seus pares e professor, partilhando o mesmo tapete flutuante. O aluno encontrava-se bastante agitado, tentando-se agarrar aos seus colegas e professor. No entanto demonstrou sempre boa disposição nessa brincadeira.
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo de concentração na tarefa foi razoável
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Nesta aula o aluno encetou várias tentativas de agressão ao seu professor o que já não se registava há muito tempo. Penso ter-se tratado de um caso isolado e que não compromete de todo o trabalho que vem sendo realizado ao longo das aulas. Vamos esperar para ver o que acontece nas próximas aulas.

Aula nº 20


Espaço: Sala de psicomotricidade e sala de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, espaldares.	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a coordenação dinâmica geral; • Desenvolver a relação de afectividade aluno-professor; 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno no espaço exterior realiza livremente corrida subindo e descendo uma rampa. • Num espaço amplo o aluno realiza o jogo das “caçadinhas” com o professor e os restantes colegas. • A correcção da postura é efectuada por manipulação acompanhada de <i>feedbacks</i> verbais. 	8'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Desenvolver a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza marcha por um percurso delimitado por obstáculos enquanto o professor emite <i>feedbacks</i> verbais.	10'
<u>Ex.2:</u> Desenvolver a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno realiza o maior número de tentativas possível.	8'
<u>Ex.3:</u> Desenvolver a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.3:</u> O aluno irá subir e descer escadas com apoio realizando alternância dos MI.	8'
<u>Ex.4:</u> Desenvolver a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar o máximo de saltos consecutivos a «pés juntos» sobre arcos colocados em linha no solo.	8'
<u>Ex.5:</u> Desenvolvimento da coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.5:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar de seguida com a parte interna do pé.	8'
Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen» - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	25'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<ul style="list-style-type: none">• Devido ao forte vento que se fazia sentir optamos por não realizar o exercício de activação geral no espaço exterior. Desta forma realizamos o exercício do pára-quedas. Mais uma vez o facto do aluno não perceber exactamente o seu papel neste exercício não quer dizer que o objectivo do mesmo não seja cumprido. <p>Ex.1: O aluno realiza o percurso sem nada a apontar. O seu padrão de marcha está bastante melhor e o seu deslocamento é mais rápido traduzindo-se na conclusão do percurso num menor tempo.</p> <p>Ex.2: O aluno realizou 4 lançamentos tendo concretizado 1.</p> <p>Ex.3: O aluno sobe escadas correctamente. O aluno já realiza alternância dos MI na descida.</p> <p>Ex.4: O aluno realizou duas séries de 3 saltos.</p> <p>Ex.5: O aluno e professor realizam passes entre si, contudo o aluno não executa correctamente a recepção da bola nem tão pouco esboça qualquer tipo de tentativa para o fazer. A bola é colocada à disposição do aluno e este realiza então o passe para o professor.</p> <p>.</p>
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none">• Ouve uma grande progressão ao nível do aumento da concentração na tarefa.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none">• Não houveram agressões a registar.

Aula nº 21

Espaço: Salas de psicomotricidade e de <i>snoezelen</i> .	Duração: 75 minutos
Material: Mini trampolim, colchões, bolas, painel de pontuação, arcos, espaldares	
Objectivos Gerais:	
<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar o aluno, essencialmente na sua vertente motora; 	

Objectivos específicos	Situações de aprendizagem	
Parte Inicial		
• Activação Geral	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno realiza corrida à volta do espaço, evitando alguns objectos que propositadamente foram colocados distribuídos pela sala; - O aluno corre de mão dada com o professor mas sempre que possível corre sozinho. 	5'
Parte Fundamental		
<u>Ex.1:</u> Avaliar a coordenação óculo-manual.	<u>Ex.1:</u> O aluno realiza lançamento de uma bola em função de um alvo a uma distância de 1,5m. O aluno tem 5 tentativas e irá lançar com a mão preferida.	8'
<u>Ex.2:</u> Avaliar a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.2:</u> O aluno realiza com o professor passes entre si com uma bola. O aluno encontra-se a uma distância do professor de aproximadamente 2 metros e terá de receber a bola com a planta do pé e passar e seguida com a parte interna do pé.	8'
<u>Ex.3:</u> Avaliar a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no solo.	<u>Ex.3:</u> O aluno irá realizar 3 saltos consecutivos a «pés juntos» sobre 3 arcos colocados em linha no solo.	8'
<u>Ex.4:</u> Avaliar a coordenação específica da acção de salto «a pés juntos» no mini-trampolim.	<u>Ex.4:</u> O aluno irá realizar o maior numero de saltos consecutivos a «pés juntos» no mini-trampolim com ou sem ajuda.	8'
<u>Ex.5:</u> Avaliar a coordenação e correcta postura corporal específicas do padrão motor de marcha.	<u>Ex.5:</u> O aluno realiza marcha por um percurso previamente delimitado de obstáculos e o professor avalia o seu desempenho.	8'
<u>Ex.6:</u> Avaliar a coordenação óculo-pedal.	<u>Ex.6:</u> O aluno irá subir e descer escadas com apoio realizando alternância dos MI.	8'
<u>Ex.7:</u> Avaliar a coordenação óculo-manual e óculo-pedal.	<u>Ex.7:</u> O aluno realiza subida nos espaldares até ao topo, recolhendo uma bola que aí se encontra. Lança a bola para o professor e retorna a posição inicial (solo).	8'
Parte Final		
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da relação de afectividade aluno-professor e aluno-pares. • Relaxamento e estimulação sensorial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sala de «snoezelen» - O aluno irá interagir de forma mais próxima junto dos seus pares; - O aluno opta por aquilo que quer fazer. - Sempre que pertinente o professor intervém junto do aluno. 	14'

Relatório de observação	
Domínio Motor	<p>Ex.1: Em cinco tentativas o aluno não acertou nenhuma vez no alvo.</p> <p>Ex.2: Realiza passes com os MI de forma mais ou menos controlada esboçando a tentativa de passar com a parte interna do pé.</p> <p>Ex.3: O aluno realiza sem ajuda 3 saltos a pés juntos.</p> <p>Ex.4º aluno sem ajuda e seguro nos espaldares realizou 7 saltos.</p> <p>Ex.5: O aluno realiza o percurso sem problemas de maior.</p> <p>Ex.6: O aluno sobe e desce escadas correctamente. Ao descer apresenta apenas ainda alguma resistência mas nem sempre a realizar o apoio alternado dos MI.</p> <p>Ex.7: O aluno sobe e desce dos espaldares correctamente.</p>
Domínio Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> • Os seus níveis de concentração aumentaram consideravelmente desde o início da aplicação do programa até agora.
Domínio Sócio-Afectivo	<ul style="list-style-type: none"> • Redução no numero de interações menos próprias para com o seu professor e pares. Aumento do numero de manifestações de carinho.

Notas: * As aulas estavam previstas para 90 minutos no entanto e atendendo que existem atrasos na chegada dos alunos à associação e perdas de tempo na transição de uma sala para outra optei por planear as aulas para 75 minutos.

** Em todos os exercícios a correcção da postura do aluno é efectuada por manipulação e/ou demonstração, acompanhada de *feedbacks* verbais.

